EU CONTO
COM A RECICLAGEM
Era uma vez...
5 minutos para chegar à
Já passava há muito tarde
Não sei
quem era
O que ninguém esperava era que...
sempre, sempre
Chico Fininho
Estava uma tarde
O tranvia fria. escura.
Era um dia quente.
Ninguém sabia dizer...
entre silêncios e palavras estava a...
quando voltei
a porta estava
aberta
As paredes
sabiam!
O que ninguém esperava era que... disse-lhe o ar
Valorlis
Valorizamos o ambiente

O que ninguém esperava era que...
Não sei.
quem era?
Era uma vez...
já passava das 15 horas
Chegar à
5 minutos para
O que ninguém esperava era que...
sempre, sempre
As paredes
sabiam!
O Francisco tinha
Era um dia quente.
Estava uma noite fria. escura.
Entre silêncios e palavras estava a...
quando voltei
a porta estava
aberta
O que ninguém sabia dizer.
Disse-lhe o que ninguém sabia dizer.

Valorlis

Valorizamos o ambiente

Este livro integra os contos vencedores do concurso de contos “Eu conto com a reciclagem", desenvolvido pela Valorlis e dirigido aos alunos do 1º, 2º,3º ciclo, secundário e adultos, residentes na área de intervenção da Valorlis.

O livro reflete o sucesso da iniciativa e pretende contribuir para a promoção da mensagem da reciclagem e incremento de boas práticas de separação de resíduos.

Um Movimento Recicla-Cria-Activo

A Escrita e a Criatividade são duas extraordinárias formas de expressar o pensamento divergente, um modo simples de estruturar as ideias em torno de um objecto, ou mesmo sobre algo inconcreto, muito embora real. Poder materializá-lo sob a forma de conto, é ainda mais revelador dessa extraordinária capacidade de inovar criando ou re-inventando os temas a partir dos quais se pretende firmar um texto narrativo. Nesse plano, a realidade e o mundo circundante poderão ser mesclados com a imaginação e a fantasia inventiva que emergem das referências experienciais de cada um. Partindo deste pressuposto, a Valorlis desafiou a população, em particular os alunos do ensino básico (1º, 2º e 3º Ciclos, Secundário e Adultos) para redigir livremente sobre a importância da Reciclagem, apelando à transformação dessa matéria escrita enredada em material construtivo, proveniente de um universo composto por fragmentos e experiências psico-educativas. Partindo desta concepção, desenvolveu o concurso "Conta Reciclar", direcionado ao incremento das boas práticas da separação e reciclagem de resíduos. O exercício de cidadania e clarificação educacional estiveram subjacentes a esta nobre acção que me coube arbitrar enquanto membro do júri, tarefa que se revelou bastante apreciável quanto exigente, considerando a quantidade, multiplicidade e qualidade dos trabalhos recebidos. Os intervenientes directos e indirectos neste trabalho foram imensos: Alunos, Pais, Professores, Equipa da Valorlis, Agentes Locais e Imprensa, o que denota um rigor e profissionalismo notáveis. Também por esta razão, somente poderei considerar a iniciativa como um extraordinário exemplo de partilha activa de distintos talentos e vivências, mobilizados em torno de um comum cenário objectivo, que é o da edificação de um Mundo melhor, em redor da proteção do habitat natural de todos os seres vivos da Terra, dos quais o Homem é o principal agente actuante. Estou certo de que as diferentes gerações e intervenientes neste Projecto depositarão esta "pedra" de palavras, como um alicerce que possibilitará a (re)edificação de um melhor Planeta que o futuro receberá clamorosa e respeitosamente. A vida que surgirá de cada um dos contos que figuram nesta obra é, indiscutivelmente, uma semente que germinará nas mãos de todos os que a cuidarem como um legado duradouro.

Paulo José Costa
Psicólogo e Escritor

CONCURSO DE CONTOS

Valorlis
Valorizamos o ambiente

EU CONTO COM A RECICLAGEM

VENCEDORES

1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1º LUGAR

"PLANETA AMIGO" - PEDRO RODRIGUES

2º LUGAR

"O PLANETA DA RECICLAGEM" - TIAGO RATO

3º LUGAR

"A LIÇÃO DO PAULO" - DALILA BERNARDINO

2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1º LUGAR

"ELMI, A AVENTUREIRA" - ANA GOMES, MÚRIA SIMÃO, BRUNA COSTA, DANIELA CARVALHO

2º LUGAR

"ACERTAR É RECICLAR" - LUCAS PAIXÃO, TIAGO SILVA, SARA OLIVEIRA

3º LUGAR

"A AVENTURA DO VERDINHO" - JOÃO FERNANDES, TIAGO BENTO, RÚBEN GASPAR, GUILHERME FARIA

3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1º LUGAR

"RECICLAR NO PRESENTE A PENSAR NO FUTURO" - GISELA SANTOS

2º LUGAR

"RECICLAGEM" - LAURA FONTES

3º LUGAR

"A ÚLTIMA ESPERANÇA" - RAFAEL GOMES

ENSINO SECUNDÁRIO

1º LUGAR

"UM PEQUENO PASSO, UMA GRANDE MUDANÇA" - PEDRO SILVA

2º LUGAR

"GREEN DREAMS - SONHOS VERDES" - DANIELA FLORES

3º LUGAR

"UMA PEQUENA LATA" - JOANA AMADO

ADULTOS

1º LUGAR

"A AVÓ APRENDE A RECICLAR" - TÂNIA LOPES

2º LUGAR

"ANTÓNIO, O ECOSOLDADO" - HÉLDER ABREU

3º LUGAR

"A MARIA QUE ERA SELECTIVA E O ANTÓNIO QUE ERA POLÍMERO, NA VILA DE ESTAÇÃO QUE ERA DAS TRANSFERÊNCIAS" - FERNANDA SOUSA

ILUSTRAÇÕES DE:

ANA BARATEIRO, RUI LOBO, LEONEL BRITES, RUI LOURENÇO E TÂNIA LOPES

1º

CLASSIFICADO

1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

PLANETA AMIGO

PEDRO MIGUEL FERREIRA RODRIGUES

EB1 Machada

Professor responsável:
Edite Cordeiro

ILUSTRAÇÕES
ANA BARATEIRO

PLANETA AMIGO

Era uma vez um planeta que se chamava Planeta Limpinho. Nesse planeta viviam quatro amigos: o Comilão de Papel que andava sempre vestido de azul, o Piquinhos que se vestia de verde, o Embalinho que andava sempre de amarelo e o Pilhinhas que só usava vermelho.

Estes amigos eram inseparáveis, onde um estivesse estariam os outros. Todos os habitantes do planeta os admiravam pela relação de amizade e de grande cumplicidade que tinham entre eles, mais pareciam uma família. Havia também uma relação de excelência entre estes quatro amigos e o Planeta Limpinho, "juntos construíam um Mundo melhor".

Um certo dia a meio da tarde, estavam os quatro amigos em pleno descanso quando olharam para o início da rua e viram uma mancha cinzenta. Olharam pormenorizadamente para ver o que era quando se aperceberam que se tratava de uma nave que trazia três pessoas aparentemente sujas, rotas e portadoras de sacos de plástico com lixo nas suas mãos. Era uma imagem assustadora.

Surpreendidos, os quatro amigos começaram a murmurar entre eles, ao que disse o Comilão de Papel:

- Já tenho tanto trabalho... Será que aqueles saquinhos todos vêm ter ao meu estômago?

- Para mim não deve ser pois eu sou o que tem o estômago mais pequeno de todos! - respondeu o Pilhinhas.

Enquanto conversavam aperceberam-se que os três estranhos visitantes se aproximavam deles cada vez mais, pelo que começaram a temer a sua presença e desataram a gritar, dizendo:

- Não venham fazer mal ao Planeta Limpinho!

Foi então que os visitantes atiraram uma grande gargalhada e perguntaram:

- Quem são vocês assim tão lavadinhos? Pelo que dizem parece que mandam no planeta, será assim?

- Nós somos quatro amigos de longa data e juntos temos uma missão muito importante neste Planeta, guardarmos nos nossos estômagos todos os resíduos que já não prestam isto é, que já não são úteis para os humanos. E quando temos o nosso estômago cheio esses produtos são reciclados – responderam os quatro amigos.

- Reciclados? - questionaram os visitantes - O que é isso, reciclar?

- Reciclar é aproveitar os objetos de papel, as latas, as embalagens, entre outros e transformá-los dando-lhes uma nova utilidade, assim não poluímos o ambiente e damos uma nova vida às coisas – explicou o Comilão de Papel.

- Estão loucos! Aproveitam o lixo!? Mas que tolice! – responderam os visitantes.

Os quatro amigos ficaram tão tristes por não conseguirem convencê-los de que a função deles era algo realmente importante que lhes perguntaram:

- De onde vêm vocês? De onde são?

- Nós vimos do Planeta Cinzento, lá nascemos e lá vivemos - responderam eles

Os quatro amigos murmuraram entre si e disseram em alta voz:

- Temos de ir resolver o grande problema do Planeta Cinzento, estes três são uma amostra da população desse Planeta, deve estar muita gente em risco e a viver no meio da poluição. Agora que já conhecem o nosso planeta, o Planeta Limpinho, querem vocês também apresentar-nos o vosso Planeta Cinzento? – propuseram os quatro amigos.

E eles responderam:

- Sim, podemos ir apresentar-vos o nosso Planeta, teremos todo o gosto.

Chamaram a nave cinzenta e lá foram os sete rumo ao Planeta Cinzento. Quando aterraram ficaram sem palavras quase sem conseguir respirar. O ambiente era sujo, poluído e as pessoas viviam sem alegria, tristes e frágeis.

Os quatro amigos do Planeta Limpinho interrogavam-se a si próprios sobre como era possível haver um planeta assim, tão poluído e tão pouco habitável. Arregaçaram as suas mangas e assim, dia após dia foram limpando, limpando... pediram ajuda aos seus três amigos e a outros habitantes do Planeta Cinzento e aos poucos foram envolvendo toda a comunidade nesse grande projeto de limpar e mudar o Planeta Cinzento.

PLANETA AMIGO

Cada rua, cada canto, cada casa, cada estrada, cada árvore, cada carro, cada menino, cada adulto, todos pareciam diferentes, limpos, coloridos e risonhos.

Um pouco cansados, decidiram parar para descansar e o Comilão de Papel questionou os amigos:

- Quando vamos para o nosso Planeta?

Estes responderam:

- Para o nosso Planeta? Não há interesse em irmos para o nosso Planeta, pois este já é o nosso Planeta.

De repente ouviu-se um grupo a cantar na rua, soaram bonitas vozes e instrumentos bem afinados pelo que os quatro amigos decidiram ouvir e apreciar tão belas vozes. A canção dizia:

Eu fui o planeta triste

Cinzento já não quero ser

O cinza já não existe

O verde está a aparecer.

Graças àquele passeio

Feito ao Planeta Limpinho

Deu-nos assim este asseio

Este ar tão lavadinho.

Hoje já podemos sorrir

Hoje já podemos cantar

Pois o ar já não é poluído

Já podemos respirar.

O lixo aprendemos a separar

E as ruas a limpar

Com a água aprendemos a lavar

E assim já sabemos reciclar.

Os quatro habitantes do Planeta Limpinho fizeram então uma proposta aos habitantes do Planeta Cinzento:

- De hoje em diante já não existem dois planetas, o Planeta Limpinho e o Planeta Cinzento, mas sim o conjunto dos dois planetas a que damos o nome de PLANETA AMIGO.

Os habitantes do Planeta Cinzento de imediato aceitaram a proposta e juntos cantaram esta canção aos seus amigos do Planeta Limpinho:

Do Planeta bem Limpinho

Ao Planeta bem Cinzento

Vieram quatro amigos

Que nos tiraram do tormento.

Ensinaram-nos a reciclar

A viver com qualidade

Obrigado, caros amigos

Pela vossa amizade.

E assim surgiu o PLANETA AMIGO.

2º

CLASSIFICADO

1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O PLANETA DA RECICLAGEM

TIAGO DA CUNHA RATO

EB1 Machada

Professor responsável:
Edite Cordeiro

ILUSTRAÇÕES
ANA BARATEIRO

O PLANETA DA RECICLAGEM

Tudo começou num dia de primavera, quando o Tiago estava a levar o lixo para o contentor.

Ao chegar ao contentor do lixo, o Tiago vê algo que se parecia com uma nave espacial, pensou que era um brinquedo partido que alguém deixara junto ao lixo, pois alguém podia querer brincar com ele mesmo estando partido.

Intrigado com aquilo, colocou o lixo no caixote e foi ver do que se tratava aquele objeto misterioso. Ao mexer no suposto brinquedo, apareceram na janelinha dois seres que pareciam ter vindo de outro planeta. O Tiago nem queria acreditar no que estava a acontecer, ele nunca tinha visto extraterrestres a não ser nos desenhos animados que passavam na televisão.

Assustado com o que estava a acontecer deixou cair a nave espacial. Esta, ao cair, ficou toda partida e os extraterrestres começaram a falar numa língua que o Tiago não entendia.

O Tiago tremia de medo "como varas verdes", de tal forma que não se conseguia mexer.

Os dois extraterrestres saíram da nave, apontaram com um dos dois dedos que tinham para o Tiago, e continuaram a falar numa língua que ele não entendia. Mas o Tiago estava com tanto medo que começou a chorar, pedia desculpas, mas continuava a não entender o que eles diziam. Os extraterrestres olharam para ele e pararam de falar. Puseram as mãos nos bolsos e tiraram de lá um pequeno objeto que deram ao Tiago e com gestos diziam para ele o colocar ao pé do ouvido. Tiago, com medo, agarrou no objeto, colocou-o junto ao ouvido e assim que os extraterrestres começaram novamente a falar ele começou a entender o que eles estavam a dizer.

Os extraterrestres perguntaram o nome ao Tiago e disseram-lhe que se chamavam 757 e 34. O Tiago, admirado com o nome deles, disse também o seu e voltou a pedir desculpas por ter partido a nave, pois pensava que era um brinquedo velho e estragado. De seguida, curioso com aqueles seres, perguntou-lhes o que eles estavam ali a fazer. Os extraterrestres disseram-lhe que tinham vindo do planeta Reciclagem. O Tiago continuava cada vez mais curioso e perguntou-lhes por que é que o planeta se chamava Reciclagem e o que eles faziam ali. Os extraterrestres explicaram-lhe que era um planeta onde tudo era reciclado e que, de vez em quando, tinham que procurar materiais noutros planetas para eles reciclarem. Foi então que o Tiago lhes disse que na Terra as pessoas também reciclavam muitas coisas.

Os extraterrestres, que falam sempre em sintonia, não hesitaram e perguntaram ao Tiago se ele sabia como é que tinha aparecido a reciclagem na Terra. Tiago respondeu que não sabia, mas devia ter sido algum inventor que um dia decidiu inventar alguma coisa com as garrafas de plástico usadas. Os extraterrestres começaram a rir, disseram que ele via muita televisão e perguntaram-lhe se ele queria saber como realmente começou a reciclagem no planeta a que ele chama Terra. O Tiago ficou triste por eles se começarem a rir, mas ficou curioso por saber como tudo tinha começado. Assim, decidiu pedir aos extraterrestres para lhe contarem.

Então, disseram-lhe que seria melhor ele sentar-se porque a história iria demorar. O Tiago sentou-se no banco que havia ali próximo e os extraterrestres sentaram-se nos joelhos dele e começaram a contar a história da Reciclagem no planeta Terra.

" Como já te dissemos o nosso planeta chama-se Reciclagem e tudo o que existe lá é proveniente da reciclagem, quando não temos vamos buscar aos outros planetas. Como deves saber não é só na Terra que vivem seres, existem outros planetas habitados. Um dia, quando um antepassado nosso veio à Terra para levar materiais para reciclarmos, teve um problema com a nave, uma avaria que não conseguia consertar. Depois de muito procurar, e também de se esconder, encontrou uma menina que como tu ia levar o lixo para um caixote do lixo onde colocava tudo e não separava nada. O nosso antepassado ficou triste com a situação e via que todos os dias essa menina ia levar o lixo e jun-

O PLANETA DA RECICLAGEM

tava tudo. Um dia tentou falar com ela mas ela teve medo, assim como tu e fugiu. No dia seguinte a menina voltou ao lixo e o nosso antepassado tentou novamente falar com ela, mas novamente sem sucesso. Passados alguns dias a menina voltou lá e desta vez o nosso antepassado conseguiu falar com ela. Ele perguntou-lhe se ela sabia que havia coisas que ela deitava para o lixo que podiam ser aproveitadas para fazer outras coisas. Como a menina não entendeu o que ele queria dizer, ele explicou-lhe que se ela juntasse todas as garrafas de plástico e todas as pessoas fizessem o mesmo, podiam voltar a fazer garrafas novas. O mesmo acontecia com o papel e o cartão. O nosso antepassado deve ter ficado na terra perto de 5 anos para arranjar a sua nave e ao mesmo tempo foi explicando tudo o que sabia sobre a reciclagem. A menina assim que cresceu começou a explicar o conceito da reciclagem por todos os lugares por onde passava e algumas pessoas começaram a aplicar o que ela, agora senhora, dizia. E assim apareceu a reciclagem, mas ainda há muitas coisas que vocês terrestres, não fazem. Tu por exemplo, levas o lixo e juntamente vão várias coisas que podiam ser recicladas, mas como estão no lixo comum não o são. As pessoas têm que ter mais cuidado quando estão a colocar as coisas no lixo, há muita coisa que não é aproveitada porque não é colocada no ecoponto certo."

Depois de contarem toda a história o 757 e o 34 perguntaram ao Tiago se ele queria conhecer o planeta deles para lhe mostrarem como é possível ter quase tudo através da reciclagem. O Tiago ficou tão contente com o convite que aceitou de imediato.

Os extraterrestres disseram que, primeiro tinham que arranjar a nave e só depois é que podiam ir visitar o planeta. O Tiago perguntou-lhes o que eles precisavam para reparar a nave e o 757 e o 34 disseram que as peças necessárias para arranjar a nave vinham dos ecopontos e que toda ela tinha sido feita com os materiais que as pessoas deixavam nos ecopontos. E assim fizeram, foram procurar nos ecopontos o que eles precisavam para arranjar a nave.

Depois de muito procurar e de substituir as peças que estavam avariadas, finalmente conseguiram arranjar a nave. Usaram vários materiais com os quais o Tiago não tinha ideia que se podia fazer uma nave espacial, estava tão admirado que não queria acreditar.

Assim que a nave ficou pronta o 757 e o 34 perguntaram ao Tiago se ele estaria pronto para a viagem que iria mudar por completo a ideia com que ele via a reciclagem. Tiago, preocupado com a hora, disse que queria muito ir mas tinha que voltar antes do jantar, se não os pais ficavam preocupados. Os extraterrestres disseram-lhe para não se preocupar que o tempo na Terra passava muito devagar, comparado com o tempo no Planeta da Reciclagem, por isso eles estariam de volta em 5 minutos.

Mas havia uma coisa que o Tiago não entendia, que era como é que ele ia conseguir entrar na nave. Antes que ele pudesse sequer perguntar alguma coisa, o 757 apontou uma luz para o Tiago e ele ficou do tamanho deles, Tiago nem queria acreditar no que tinha acontecido, ele tinha o tamanho dos extraterrestres e tinha diminuído com uma luz feita com uma garrafa, com um metal e com a luz do Sol.

Agora estava pronto para embarcar na aventura que o levaria ao planeta da Reciclagem.

3º
CLASSIFICADO

1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A LIÇÃO DO PAULO

DALILA LEAL BERNARDINO

EB1 Machada

Professor responsável:
Edite Cordeiro

ILUSTRAÇÕES
ANA BARATEIRO

zzzzzz

A LIÇÃO DO PAULO

O verão tinha chegado em todo o seu estado completo e naquele dia estava um lindo sol e um calor abrasador, Paulo, um rapaz muito alto e muito magro, de cabelos louros e olhos azuis, passeava sozinho pelos jardins de um bairro de Colorrecicla. Era um rapaz muito solitário que tinha um sinal na coxa direita, resultado de um acidente de mota. Este adolescente de aproximadamente quinze anos tinha por hábito comer, beber e fumar em locais públicos e apesar de ter vários ecopontos muito próximos, Paulo deitava sempre o lixo no chão.

Os ecopontos desta localidade eram bonecos que tinham vida própria, vinham de duas famílias muito unidas. Uma dessas famílias tinha como sobrenome Piquito e a outra Roalhito. Estas famílias eram muito amigas. Na família do Piquito, havia um menino chamado Paco, outro chamado Peco e outro chamado Nico. O Paco era verde, amoroso, preocupado, faminto de vidro transparente e castanho esverdeado; o Peco era dorminhoco, sossegado, amarelo, jeitoso, deserto por uma boa dose de embalagens; o Nico era azul, formoso, gracioso e estava sempre deserto por comer papel. Já na família do Roalhito, havia dois protagonistas desta história, a Berna e o Boteca, dois meninos irmãos que se davam muito bem. O Boteca era branco, animado, conversador, brincalhão, artista e ávido de rolhas velhas de cortiça; a Berna era vermelha, bonita, desportiva, cheia de energia para aguentar imensas pilhas usadas.

A família Piquito, Paco, Peco e Nico deslumbravam com a sua beleza. Por isso, quando alguma pessoa deitava lixo para o chão, aparecia logo um para mostrar os seus dotes de sedução:

- Senhor desculpe, mas você não vê que os caixotes do lixo servem para reciclar? – protestava Paco.

- Minha senhora venha aqui trazer os seus caixotes velhos pois eu estou desejoso por mastigar essa comida para poder transformar em lindas folhas de papel reciclado! - exclamava Nico.

- Menina bonita vem aqui trazer as tuas garrafas de plástico velho, pois se deitares no chão demorarão imenso tempo a desaparecer! – dizia Peco.

Um dia, quando Paulo deixou cair algumas beatas no chão, Berna implorou-lhe que não procedesse desse modo:

- Ó menino lindo, não deixes esse lixo no chão pois pode provocar algum desastre natural.

Todos os outros bonecos estavam vermelhos de inveja por Berna ter dado importância àquele rapazola.

Porém, Paulo não ouvia ninguém e fazia o que lhe apetecia. Ele foi crescendo, crescendo e havia sempre algum ecoponto que lhe dizia:

- Cuidado com o lixo, Paulo!

Certo dia, Paulo sentindo-se cansado e sem ar, foi a uma consulta médica e o senhor doutor aconselhou-o a deixar o vício do tabaco:

- Cuidado Paulo, sabias que fumar é perigoso?

- Não sabia senhor doutor – negou o Paulo.

Mas quando no regresso a casa começou a refletir sobre o que o médico lhe tinha dito, considerou que talvez o especialista tivesse razão, porque fumar pode provocar doenças muito graves como cancro e esquizofrenia.

A LIÇÃO DO PAULO

Contudo, nada desses pensamentos o preparava para o que veio a acontecer. O lixo que ele deitou para o chão juntamente com os raios de sol, provocou um imenso fogo, com grandes labaredas de chamas vermelhas e douradas; era um espetáculo infeliz porque as chamas iluminavam todo aquele ambiente, mas também consumiam uma vasta área de floresta. De repente ouviram-se imensas sirenes de bombeiros misturadas com os sons das ambulâncias, algumas pessoas tiveram de ser transportadas para o Hospital e ficaram em estado de choque, ouviam-se imensos gritos de terror, de pânico e de tristeza, os bombeiros tentaram fazer tudo para apagar o fogo. Enquanto recuperavam a polícia verificava se ninguém estava ferido. Os adultos iam buscando um balde cheio de água ao rio e colocavam no fogo, os polícias ajudavam e os ecopontos lá conseguiram salvar-se, mas ficaram dias e dias sem comer.

Nesta ocasião o Paulo estava de férias e nem se preocupou com aquele fogo todo! De facto ele até sabia deste terrível incêndio, porque a mãe lhe tinha contado, mas não deu nenhuma importância ao assunto.

Aquela notícia percorreu todo o país e os jornalistas utilizavam folhas e folhas para descrever aquele assustador fogo.

Dias mais tarde, por causa do fogo, os polícias chamaram o Paulo à esquadra e perguntaram-lhe porque é que ele tinha feito aquilo, e ele respondeu que tinha um vício. Interrogaram as famílias dos ecopontos e estas confirmaram que o Paulo tinha cometido um grave erro ao deitar o lixo no chão, o que tinha levado ao incêndio. De facto, o Paulo tinha cometido um crime, que apesar de forma inconsciente, o levou a ser preso.

Enquanto as famílias dos ecopontos discutiam entre elas se Paulo devia ou não ser castigado, Paulo passava dias e dias infelizes naquela escura cela. Questionava o seu erro, lembrava-se dos avisos do médico e dos ecopontos e sentia-se extremamente triste e ainda mais solitário do que já era. Por isso tomou uma firme decisão, quando saísse daquele local triste e lúgubre, iria deixar o seu vício de fumar e apelar a toda a população para não deitar lixo no chão.

E assim aconteceu, Paulo saiu da prisão, deixou o seu vício de fumar e começou a ajudar as famílias dos ecopontos a sensibilizar as pessoas para não deitarem o lixo no chão. Fez várias formações para conhecer e posteriormente dar a conhecer o projeto da reciclagem.

Como todos conheciam o terrível acidente, estavam mais recetivos pois percebiam que aquilo que o Paulo tinha feito no passado era algo errado, que poderia provocar muitas mortes e a destruição da natureza. Por isso, todos compreendiam que deviam separar o lixo e ter consciência que o papel se deve colocar no ecoponto azul, ou seja no Nico Piquito; já o vidro deve colocar-se no ecoponto verde isto é, no Paco Piquito e o plástico deve ser colocado no Peco Piquito.

No caso das rolhas de cortiça usadas, devemos colocá-las na famosa e formosa Boteca Roalhito. Por último, as pilhas que já não têm energia suficiente para acionar o comando da televisão ou fazer funcionar aquele jogo de que tanto gostas, devem ser colocadas na bonita Berna Roalhito, ela saberá conduzi-las até aos locais apropriados para serem recicladas.

Por isso, toma nota da separação do lixo e relembra a lição apreendida pelo Paulo! Conserva o meio ambiente, visto que precisamos dele para respirarmos e para vivermos. Relembra também que alguns resíduos, tais como os óleos alimentares podem ser reaproveitados para serem utilizados novamente noutros contextos, como por exemplo como combustíveis de máquinas.

O Paulo teve, felizmente, um final feliz pois encontrou uma linda rapariga por quem se apaixonou perdidamente, tal como os ecopontos estavam apaixonados pela energia da Berna. Paulo e Paula tiveram dois filhos muito reguilas, mas a quem lhes foi dado muito amor e também muita informação e sensibilização sobre a reciclagem.

1º

CLASSIFICADO

2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ELMI, A AVENTUREIRA

ANA GOMES, NÚRIA SIMÃO, BRUNA COSTA E DANIELA CARVALHO

Colégio Senhor dos Milagres

Professor responsável:
Susana Simões

ILUSTRAÇÕES
RUI LOBO

elmi

ELMI, A AVENTUREIRA

Era uma vez uma linda e pequenina latinha brilhante de alumínio que servia para fazer incríveis refeições. Essa latinha continha no seu interior deliciosas salsichas, o seu nome era pouco comum, mas muito engraçado: Elmi.

Num certo dia chuvoso já da parte da tarde, estava ela nas prateleiras de um enorme supermercado, quando apareceu uma senhora chamada Raquel que pegou nela e resolveu levá-la para casa.

Nesse mesmo dia à noite quando se aproximava a hora de jantar, a senhora Raquel pegou na tal latinha de salsichas pequenina e brilhante e decidiu que iria preparar uma bela refeição para as suas três filhas. No final do jantar, a senhora Raquel pôs a latinha no caixote do lixo da cozinha, mas sem se preocupar em colocá-la no local próprio para a separação de resíduos. Foi assim que começou uma longa, alucinante e tortuosa aventura da nossa querida amiga Elmi, que mal podia imaginar aquilo que lhe iria acontecer.

Depois de Raquel a ter deixado sozinha naquela longa aventura, a latinha pensou que tudo não passava de um jogo. Achou mesmo que a Raquel brincava com ela ao famoso "Quarto Escuro", por isso não ficou minimamente assusta-da nem preocupada com o local onde se encontrava.

Passadas algumas longas horas, a Elmi começou a ficar cansada daquele jogo e a achar que tudo se estava a tornar demasiado estranho. Foi nesse preciso momento em que começava a duvidar se seria realmente um jogo, que bruscamente o "Quarto" se começou a mexer e tudo à sua volta começou a cair em cima de si. Nessa altura a Elmi estranhou, mas ainda assim pensou que provavelmente estava num parque de diversões a andar de escorrega. No entanto, instantes depois, apercebeu-se que estava a ser transportada para outro lugar. Resolveu então espreitar por um buraquinho do saco e viu que tinha sido colocada num carro do lixo. A nossa pobre Elmi começou a ficar extremamente aflita e ficou tão assustada que acabou por desmaiar, ao desmaiar caiu subitamente do carro do lixo e ficou na berma de uma estrada. Quando acordou, qual não foi o seu espanto quando viu que já estava noutro local que lhe era totalmente desconhecido, muito estranho e misterioso. Sentiu-se assim muito solitária e triste, pois naquela rua não havia nada nem ninguém.

- Socorro! Socorro! – gritava a latinha Elmi muito assustada – Quem me ajuda a encontrar o caminho de regresso a casa?

Por fim, depois de tanto cansaço e de tanta agitação, a Elmi acabou por adormecer.

Já na manhã do dia seguinte, acordou com o barulho de um grupo de crianças agitadas de uma creche que se encontrava a realizar uma visita de estudo com os seus professores. No meio de todas aquelas crianças havia apenas um menino muito calmo que olhava atentamente ao caminhar pela rua, procurando objetos que pudessem ser reciclados. Esse menino era muito responsável e amigo do ambiente, gostava muito de reciclar e de aproveitar materiais que pudessem ser reutilizados. Para seu espanto, esse menino viu a Elmi, a latinha, apanhou-a e levou-a na mão até encontrar um ecoponto amarelo no qual a depositou.

- É aqui o teu lugar! – disse o menino.

Já dentro do ecoponto, a Elmi sentiu-se mais protegida e segura. Foi lá que acabou por fazer grandes amizades com outras latinhas que tinham tido a mesma sorte que ela, pois tinham sido lá depositadas por pessoas que faziam tudo o que estava ao seu alcance para preservarem o meio ambiente.

- Estou tão feliz por tê-los encontrado, meus queridos amigos, nem imaginam como me sentia triste e abandonada num local tão estranho, misterioso e triste. – disse a latinha Elmi aos seus novos amigos.

- Nós também estamos muito contentes por termos feito uma nova amiga, podes contar connosco sempre que precisares de ajuda. – afirmou um dos seus novos amigos.

ELMI, A AVENTUREIRA

Dias mais tarde já depois de longas e intermináveis conversas sobre as suas vidas atribuladas, a Elmi e os seus novos amigos iniciaram uma nova aventura.

Desta vez acordaram sobressaltados, ao se sentirem subitamente agitados por uma máquina que fazia barulhos estranhos e ensurdecedores e que os deixou cair dentro de um camião. Todas as latinhas ficaram assustadas com o sucedido, mas acabaram por perceber que aquela situação era normal, pois tinham sido resgatadas por senhores da Valorlis, que as iriam transportar para um lugar mais seguro onde iriam sofrer alterações no seu aspeto e mudar completamente de visual. Ao compreenderem as boas intenções dos tais senhores da Valorlis que as tinham resgatado, as latinhas ficaram tranquilas e muito entusiasmadas, porque iriam ter uma nova vida que lhes parecia muito promissora e feliz.

Já na estação de triagem da Valorlis, todas as latinhas foram colocadas juntamente com outras que lá se encontravam, foram compactadas e, mais tarde, foram finalmente enviadas para uma indústria recicladora onde iriam sofrer novas alterações que as iriam deixar irreconhecíveis.

Foi assim que numa linda manhã de sexta-feira, a latinha Elmi, juntamente com alguns dos seus amigos, foi transportada num camião para uma fábrica enorme onde podia vir a viver novas aventuras.

O seu entusiasmo era evidente, pois aguardava ansiosamente para ver a sua transformação final. Nessa fábrica, gostou especialmente do tratamento que lhe foi dado, julgando até que se encontrava a fazer um tratamento de beleza num SPA! Tudo não passara afinal de um processo de rejuvenescimento, ou seja, a Elmi foi derretida e transformada numa placa de alumínio. Depois de todo esse processo, ficou imensamente feliz ao constatar que tinha tido a sorte de ser transformada numa linda e brilhante latinha de sumo.

Após a sua extraordinária transformação, Elmi foi novamente transportada para o armazém de um hipermercado onde ficou a repousar para mais tarde ser colocada numa prateleira.

Dias mais tarde, Elmi foi subitamente acordada por um funcionário do hipermercado que pegou nela e a levou por muitos corredores até chegar a um sítio onde apenas se encontravam latinhas de bebidas. Elmi foi assim colocada numa prateleira junto de outras latinhas de sumo.

Passaram-se dias e dias em que Elmi assistia à agitação constante de muitas pessoas que por ali passavam, mas até à data ainda ninguém lhe tinha pegado. Estranhou tanta demora e começou a pensar que provavelmente as pessoas não gostavam do seu aspeto. Por esse motivo começou a ficar deprimida e a chorar dia e noite, noite e dia sem parar, até que acabou por cair da prateleira. Nesse instante passou um rapazinho que pegou nela e levou-a consigo.

Agora a nossa amiga Elmi estava novamente ansiosa por saber que aventuras a esperariam na sua nova vida!

FIM!

2º

CLASSIFICADO

2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ACERTAR É RECICLAR

LUCAS PAIXÃO, TIAGO SILVA E SARA OLIVEIRA

Colégio Senhor dos Milagres

Professor responsável:
Inês Ferreira

ILUSTRAÇÕES
RUI LOBO

ACERTAR É RECICLAR

Era uma vez um ecoponto de cor amarela que se alimentava de embalagens de plástico. Apesar de ser muito feliz, naquele dia estava um pouco triste pois ainda não tinha comido nada.

Esta escassez de alimento prolongou-se por dias e dias a fio, nada nem ninguém parecia dis-posto a ajudar o pobre ecoponto. Depois de semanas sem sequer comer um copinho de iogurte o ecoponto amarelo ficou sem forças e desvaneceu.

Decidiu pedir ajuda aos companheiros, os outros ecopontos - o azul que comia papel e cartão e o verde que comia vidro. Contudo não teve muita sorte, pois estes estavam também a passar dificuldades por não terem alimentos que lhes dessem forças, por isso não tinham como o ajudar.

Descobriram então que a sua fraqueza se devia ao facto de todo o lixo se en-contrar espalhado pelo chão e não ter sido separado e colocado no devido lu-gar. A sua força vinha dos resíduos que as pessoas separavam nos diversos ecopontos, ora se não o faziam a sua vida estava condenada.

Foi então que uma criança que passava ali perto percebeu que tanto lixo no chão não fazia sentido e dava um ar muito sujo à praça do bairro. Apanhou algumas garrafas e embalagens de papelão e colocou-as nos ecopontos cor-respondentes.

Momentos depois o ecoponto amarelo começou a reerguer-se, a ganhar força e a sentir-se muito melhor. Nessa altura ganhou coragem e começou a pedir ajuda a todos os que iam passando. Pedia-lhes o favor de colocar o lixo espa-lhado no chão nos ecopontos correspondentes para que ele e os seus compa-nheiros pudessem ganhar forças e sentir-se melhor.

O ecoponto amarelo para atrair a atenção das pessoas que iam passando na rua ia gritando "Por favor proteja o meio ambiente! Coloque o lixo no ecoponto e faça o Amarelo contente!" As pessoas acharam-lhe piada e foram colocando o lixo nos devidos lugares.

Os outros ecopontos começaram a fazer o mesmo para que as pessoas se sentissem sensibilizadas a fazer a reciclagem. Muitas pessoas ignoravam completamente a necessidade de reciclar e colocavam o lixo no caixote ou então no chão sem ter o cuidado de o separar. As crianças que passavam na rua com os seus pais achavam graça aos ecopontos a pedir ajuda e então também elas começaram a apanhar algum lixo e a separá-lo para o colocar no ecoponto certo.

Os ecopontos ficaram cheios de energia para continuar a apelar às pessoas para fazer a reciclagem e para proteger o meio ambiente. Nos dias que se seguiram, as crianças que passavam junto aos ecopontos pediam entusiasticamente aos seus pais para separarem o lixo e o colocarem no ecoponto certo. Chegavam a casa e começavam a fazer os seus próprios ecopontos nas suas casas e a separar o lixo para que quando estivessem cheios elas fossem todas contentes despeja-lo nos ecopontos da rua.

Numa manhã de quinta-feira estavam todos a sentir-se muito melhor pois todos reciclavam e separavam o lixo. Mas havia ainda um problema, um pequeno ecoponto chamado Pilhão não se sentia lá muito bem pois tinha a mesma doença que outrora tinha afetado os restantes ecopontos. As crianças pensavam que ele andava triste e por isso fizeram-lhes um desenho para ele se sentir melhor, mas a resposta dele foi:

ACERTAR É RECICLAR

- Obrigado meninos foi muito bonito da vossa parte fazerem-me um desenho, mas não estou triste - disse ele.

Certo dia, o ecoponto amarelo pediu para telefonarem aos assistentes para virem ver o que se passava com o ecoponto vermelho que simplesmente tinha a mesma doença que os afetara semanas atrás, falta de alimento.

Então juntaram-se todos, os três ecopontos e as crianças, e combinaram trazer pilhas para lhe dar energia, no entanto não resultou porque a doença já se tinha instalado e era demasiado grave. Levaram-no então ao médico:

- Olá Pilhão - disse o médico.

- Olá senhor doutor! – respondeu o pilhão.

- O que se passa contigo? A tua família e amigos dizem que não andas bem de saúde. É verdade? – perguntou o médico.

- Sim, ando sem vontade de comer e não sei o que se passa comigo – disse o pilhão tristonho.

- Vamos fazer um raio X – ordenou prontamente o médico.

- O que é um raio X? – perguntou desconfiado o pilhão.

- O raio X são emissões eletromagnéticas de natureza semelhante à luz visível. Entendeste? – explicou o médico

- Sim, mais ou menos... - respondeu o pilhão.

O médico sorriu e quando acabou analisou cuidadosamente o exame do pilhão. Depois explicou que provavelmente sem querer alguém tinha colocado um resíduo dentro dele diferente daqueles a que estava destinado. Era como se colocassem uma garrafa de vidro no ecoponto azul... ele também se teria sentido indisposto.

O pilhão ouviu atentamente o que o médico lhe explicou e foi então que, os ecopontos decidiram que seria importante explicar a toda a gente que embora seja muito importante reciclar, também é necessário ter cuidados com a forma como se recicla. É importante colocar o lixo sempre no ecoponto certo porque um resíduo no sítio errado é lixo desperdiçado.

3º

CLASSIFICADO

2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A AVENTURA DO VERDINHO

JOÃO FERNANDES, TIAGO BENTO, RÚBEN GASPAR E GUILHERME FARIA

Colégio Senhor dos Milagres

Professor responsável:
Susana Simões

ILUSTRAÇÕES
RUI LOBO

A AVENTURA DO VERDINHO

Como todos devem saber a reciclagem é algo muito importante para a nossa sociedade por isso decidimos contar-vos uma história.

Era uma vez um ecoponto verde que vivia num canto recôndito de uma rua sem movimento na qual nunca se via nada, nem acontecia nada. Esse ecoponto de seu nome Verdinho, começou a achar a sua vida demasiado desinteressante e monótona e resolveu partir numa aventura para tentar descobrir para que servia e por que razão estava sempre ali sozinho e abandonado.

Assim, num belo dia de primavera em que brilhavam intensamente os primeiros raios de sol da manhã o Verdinho destemido e corajoso, abandonou a sua casa na "Cidade Misteriosa".

Já feito à estrada encontrou um ecoponto muito idêntico a ele, mas era azul. Como era extremamente curioso, o Verdinho resolveu perguntar-lhe o que se encontrava ali a fazer:

- Olá! Bom dia, eu sou o Verdinho, peço desculpa por estar a incomodar, mas fiquei muito intrigado por te ver aí tão sozinho e triste. Posso ajudar-te com alguma coisa?

- Olá, Verdinho eu sou o Azulinho! Não me incomodas nada, antes pelo contrário, por acaso apareceste em boa altura, sinto-me muito só e completamente desolado. Estou cansado de viver aqui neste sítio monótono, todos os dias passam por mim muitas pessoas, mas ninguém me dá importância nenhuma – disse o ecoponto azul.

O Verdinho achou muito curioso e estranhou tudo aquilo que acabara de ouvir e disse:

- Hum... Mas que estranho, ao ouvir-te parecia que estava a ouvir a minha própria história!

- Estás a falar a sério?! – questionou o Azulinho, muito surpreendido com aquela estranha coincidência.

Intrigado por ter uma história tão idêntica à sua, o Verdinho decidiu fazer-lhe uma proposta:

- Olha, tenho estado para aqui a pensar, a minha história é mesmo muito idêntica à tua e resolvi partir em busca de respostas, pois no fundo não sei qual é a minha função neste planeta, queres acompanhar-me na minha aventura?

O Azulinho muito entusiasmado exclamou:

- Claro que sim!

Felizes da vida por se terem conhecido, o Verdinho e o Azulinho decidiram seguir o mesmo caminho desconhecido, em busca da sua identidade e da verdade sobre a sua função.

Pelo caminho fizeram uma nova amizade com um ecoponto Amarelo, o qual estranhamente também tinha o mesmo problema que eles. Esse ecoponto, o Amarelinho, contou-lhes ainda que haviam muitas pessoas que passavam junto dele e deitavam objetos estranhos para o chão e acrescentou que não percebia por que motivo o faziam.

- Temos uma sugestão para ti, Amarelinho. Queres acompanhar-nos numa aventura sem igual? – questionou o Verdinho.

- Claro que sim! – concordou o Amarelinho.

Animados por terem feito novos amigos, os três ecopontos resolveram que estava na altura de relaxarem um pouco antes de prosseguirem a sua viagem em busca das tão aguardadas respostas para os seus problemas. Assim, decidiram sair da "Cidade Misteriosa" e seguiram caminho até chegarem a uma linda praia paradisíaca, era uma praia magnífica de areia branca muito brilhante, com um mar azul cristalino e palmeiras verdes que transmitia muita serenidade e paz. Ao chegarem a essa praia exclamaram todos em uníssono:

- Uau!! Estamos no paraíso!

- Vamos dar um belo mergulho neste mar calmo e cristalino! – sugeriu o Amarelinho.

- Boa ideia, Vamos lá! – concordou o Azulinho.

Depois de um longo e relaxante banho no mar os três amigos decidiram descansar um pouco debaixo de uma linda palmeira, num areal muito limpo. Estavam a relaxar imenso perante a calma, a tranquilidade e o ambiente puro da natureza.

Algumas horas depois o Verdinho exclamou:

- Vejam, Vejam! Sou eu que estou a ter uma miragem ou está ali alguém muito parecido connosco?

- Não, não é uma miragem, mesmo alguém parecido connosco – disse o Azulinho.

Já muito entusiasmado, o Verdinho sugeriu:

- E se fossemos falar com ele?!

- Sim, boa ideia, Vamos lá! – disse o Amarelinho.

A AVENTURA DO VERDINHO

Ao aproximarem-se do tal ecoponto, constataram que o mesmo era vermelho, tinha um ar muito feliz, aparentava ter já uma idade avançada e com certeza deveria ter bons conselhos para lhes dar.
O Verdinho, o mais destemido de todos, iniciou assim uma conversa:
- Boa tarde, senhor! Eu sou o Verdinho e estes são os meus amigos Amarelinho e Azulinho. Será que podemos conversar um pouco consigo?
- Claro que sim! Eu sou o Vermelho e gosto muito de conversar com jovens. – disse o ecoponto vermelho.
Sem rodeios, o Verdinho explicou:
- Nós vivemos todos na "Cidade Misteriosa" e decidimos partir em busca de soluções para os nossos problemas, pois sentíamo-nos muito sós e começámos a achar que a nossa vida era desinteressante e monótona, assim como, tivemos curiosidade em descobrir qual era a nossa função.
- Compreendo-os perfeitamente. Quando tinha a vossa idade também era muito curioso e aventureiro e nunca desisti de lutar por aquilo que mais ambicionava. – disse com grande simpatia o ecoponto vermelho.
De seguida, o Amarelinho decidiu acrescentar:
- É muito simpático, senhor Vermelho. Será que tem mais conselhos sábios para nos dar? Gostávamos tanto de perceber certas coisas que têm acontecido nas nossas vidas. Consegue explicar-nos por que razão existimos?
- Meus caros amigos, vocês têm uma função extremamente importante, pois servem para guardar o lixo que as pessoas separam. Cada uma das vossas cores simboliza o tipo de materiais e objetos que vos podem ser depositados, com o objetivo de serem futuramente reutilizados, protegendo assim o meio ambiente. Por isso, todos vocês são muito importantes. – explicou o sábio ecoponto Vermelho.
- Ah! Agora as coisas começam a fazer algum sentido! – exclamou com entusiasmo o Verdinho.
- Verdinho, a tua função é guardar vidros. – informou o Vermelho.
- Uau!!! Que espetáculo! – entusiasmou-se o Verdinho.
- Amarelinho, tu deverás armazenar embalagens plásticas e metálicas. – disse o sábio ecoponto vermelho.
- A sério?! Isso é muito interessante! – exclamou o ecoponto amarelo.
Prosseguindo, o Vermelho dirigiu-se ao ecoponto azul:
- Já em ti, Azulinho, devem ser depositados papéis e cartões.
- Eina! Fico muito satisfeito com a minha função. – afirmou o Azulinho.
- Senhor Vermelho, nem sabemos como pudemos agradecer-lhe por nos ter transmitido tanta sabedoria. Ficaremos eternamente gratos por ter ouvido os nossos problemas e por nos ter ajudado a encontrar uma solução para os mesmos. – disse o Verdinho muito agradecido.
- Oh, não têm de agradecer. Foi com todo o gosto que lhes transmiti aquilo que sabia. Sempre que precisarem de ajuda podem contar comigo, pois estarei sempre disponível para ajudá-los. – afirmou humildemente o sábio Vermelho.
- Adeus, senhor Vermelho! – despediram-se os três amigos.
Os três ecopontos ficaram de tal forma entusiasmados com a explicação dada pelo sábio ecoponto vermelho que decidiram regressar de imediato à sua cidade natal para puderem cumprir as suas obrigações enquanto ecopontos.
No caminho de regresso, os três amigos ponderaram muito bem o que poderiam fazer para exercerem a sua função de forma digna e feliz. Após muitas discussões, concluíram que teriam de começar por fazer ações de sensibilização junto dos habitantes da "Cidade Misteriosa", pois consideravam que estes não eram amigos do ambiente.
Finalmente, quando chegaram ao seu destino, puseram mãos à obra e usaram de toda a sua criatividade para chamarem as pessoas à razão. Assim, dinamizaram várias ações em vários locais públicos da cidade, tendo conseguido sensibilizar as pessoas para a importância da alteração dos seus gestos diários, nomeadamente, através da separação de resíduos e da sua colocação nos respetivos ecopontos. Foi uma tarefa árdua e cansativa, mas muito enriquecedora e nobre, pois foram verdadeiros heróis amigos do meio ambiente.
Estes verdadeiros amigos do ambiente, o Verdinho, o Amarelinho e o Azulinho, conseguiram assim que as pessoas ficassem conscientes de que pequenos gestos podem fazer uma grande diferença para a proteção ambiental. A sua aventura tinha sido um sucesso e, agora, já podiam viver tranquilamente e em harmonia naquela cidade que passou a ser conhecida como "A Cidade Majestosamente Ambiental"!
FIM!

1º

CLASSIFICADO

3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

RECICLAR NO PRESENTE A PENSAR NO FUTURO

GISELA SANTOS

Colégio Senhor dos Milagres

Professor responsável:
Maria João Ervilha

ILUSTRAÇÕES
LEONEL BRITES

RECICLAR NO PRESENTE A PENSAR NO FUTURO

Olhei para a janela e arrepiei-me. Estávamos em pleno mês de maio, o vento soprava com uma força imensa e chovia a cântaros. Entrei na cozinha, peguei numa taça, numa colher, nos cereais e no leite e sentei-me na bancada a preparar o meu pequeno-almoço. Ouvi o Tobias a miar e percebi logo que ele estava esfomeado.

- Já te dou de comer, tem calma! – resmunguei.

Acabei de comer rapidamente e fui buscar a lata com a comida para o gato, colocando de seguida o seu conteúdo na taça dele. Mal viu o que eu estava a fazer atacou imediatamente a comida.

- Lena, despacha-te! Vais chegar atrasada – gritou a minha mãe do quarto dela.

Dei uma festinha rápida no pelo branco do Tobias e fui a correr buscar a minha mala. Visto que continuava a chover, apressei-me a entrar no carro e a minha mãe apareceu logo de seguida. Pusemo-nos a caminho da escola.

- Mãe, preciso que me compres algum material para Educação Visual por favor – pedi-lhe.

- Tudo bem, mas aponta num papel o que precisas e dá-mo para não me esquecer – respondeu a minha mãe.

Tirei da minha mala azul o meu caderno roxo e numa folha comecei a apontar tudo o que precisava.

- Ora então, vou precisar de lápis de cor, lápis de cera, guaches, um bloco de folhas papel vegetal A4... – enumerei – Ups...Enganei-me! – enrolei a folha em forma de uma bola, abri o vidro do carro e mandei-a para a estrada.

- Madalena! Nunca mais faças isso – ralhou a minha mãe furiosa.

- Porquê? Ninguém viu!

- Isso não interessa, tens noção da multa que ia ter de pagar se a polícia te apanhasse a fazer aquilo? Isso não se faz, Lena... - continuou ela o sermão.

E eu sem entender a atitude da minha mãe achava cada vez mais ridículo o que ela dizia.

- Só por ter mandado um papel lá para fora?! Não é necessário ficares tão aborrecida - respondi.

- Só um papel?! Estás a poluir o ambiente, isso tem um preço muito caro - explicou-me.

- OK, desculpa! – rendi-me e ela sorriu.

- Um dia vais perceber este sermão - disse ela.

Apontei o material de novo num papel e dei-lho. Em poucos minutos cheguei à escola e saí do carro, despedindo-me da minha mãe com um beijo na cara.

RECICLAR NO PRESENTE A PENSAR NO FUTURO

Durante todo o dia fiquei a pensar no que a minha mãe me dissera. Contudo, nada daquilo fazia sentido na minha cabeça. Por que razão pagar uma multa apenas por ter mandado um papel para fora do carro? Por que razão poluir o ambiente tinha um preço tão caro?

À noite deitei-me e quando adormeci comecei a ter sonhos estranhos com árvores e flores a revoltarem-se contra os humanos, ecopontos a chorar por não serem utilizados, o sol irritado rodeado de nuvens negras que não o deixavam iluminar a Terra e outras coisas muito estranhas e absurdas que não passavam pela cabeça de ninguém.

Acordei de manhã com um intenso cheiro a fumo. Era sábado, o que significava que podia ficar mais tempo a dormir e a descansar, mas o cheiro incomodava-me de tal forma que decidi levantar-me para ver de onde vinha aquele odor. Fui à janela como era habitual todas as manhãs sempre que acordava e assustei-me com o cenário do lado de fora: fábricas por todo o lado, lixo nas ruas, pessoas com máscaras, no céu não se via nem um raio de luz do sol, as flores e as árvores estavam secas e feias... Enfim, era como se o mundo estivesse "de pernas para o ar", como se tivesse dado uma volta de 180 graus. O que se estava a passar? Era um sonho ou realidade? Tinha ido parar a um mundo paralelo? - pensava eu.

Saí da janela e abri o roupeiro onde, numa das portas se encontrava o meu grande espelho e olhei-me nele. Tinha exatamente a mesma idade, mas estava com um ar cansado, a pele desidratada e parecia ter algumas rugas. E até as minhas roupas eram diferentes. Além de ter um armário inteiro cheio de conjuntos iguais, eram todos da mesma cor e com o mesmo material: verde tropa e de plástico.

Fechei o armário e saí do quarto.

- Mãe! – chamei um pouco assustada.

- Estou na cozinha, estás bem? – respondeu.

- Acho que sim, mas não percebo o que se está a passar... - disse-lhe na esperança que ela me explicasse alguma coisa.

- Como assim? – respondeu ela confusa.

Foi aí que percebi que para ela tudo estava normal, portanto decidi fingir que nada se passava.

- Nada, esquece - respondi, tentando reagir normalmente e fazendo os possíveis para que tudo aquilo se parecesse com uma manhã normal.

RECICLAR NO PRESENTE A PENSAR NO FUTURO

Vi o Tobias no parapeito da janela, o seu pelo estava diferente, sujo, cinzento e erriçado. Como começou a miar, pensei que estivesse com fome. Fui ao armário buscar uma das suas habituais latas mas não as encontrei.

- Mãe, onde estão as latas com comida do Tobias? – questionei.

- Latas? – riu-se ela – Lena, isso já não se usa desde o século passado.

- Como assim século passado?! – começava a ficar realmente assustada.

- Madalena, estás bem? – perguntou a minha mãe preocupada e sem perceber o que se estava a passar comigo.

- Mãe, estamos em que ano?

- Em 2112, claro! Em que ano é que achas que estávamos? Em 2015?! – riu-se mais uma vez – Estás estranha, filha...

- Pois... - disse fazendo um sorriso forçado – Vou beber água...

- Tem calma, não bebas tudo! – avisou-me – Meio copo de manhã e meio copo à noite, já sabes. Temos de fazer cortes na água, caso contrário ficamos sem nenhuma.

Eu não estava a perceber nada, estávamos no ano 2112, usávamos roupas de plástico e descartáveis, apenas podíamos beber um copo de água por dia, o mundo lá fora estava horrível e já não se fabricava comida enlatada para gatos!

Decidi então ir lá fora. Fui ao meu quarto, encontrei uma máscara branca e coloquei-a. Como todos usavam essas máscaras, provavelmente significava que era perigoso andar sem elas. Saí e comecei a vaguear pelos passeios olhando à minha volta, fomos nós que fizemos o mundo ficar assim? Contribuí para que tudo isto acontecesse? Será que havia maneira de voltar a ser tudo como antes? Pensava eu.

Enquanto fazia todas essas perguntas a mim mesma, passei por um velhinho que se encontrava sentado numa cadeira à frente de uma casa já velhinha, que presumi que fosse sua. Era a única pessoa que tinha encontrado sem máscara durante os minutos que tinha andado.

- Desculpe incomodá-lo, mas posso fazer-lhe uma pergunta?

- Claro que sim, minha querida, diz! – respondeu-me ele com um sorriso.

- O que se passou para que o mundo ficasse desta maneira?

RECICLAR NO PRESENTE A PENSAR NO FUTURO

Ele olhou para mim e riu-se. Era um riso um pouco triste. Parou e voltou a olhar para a frente.

- Quando era garoto – começou a falar – lembro-me de ver anúncios espalhados por toda a parte que diziam "Poupe água", "Faça reciclagem", "Proteja o ambiente", "Não polua". A maioria das pessoas passava por eles e não lhes ligava nenhuma, não queriam saber. Todos achavam que a água doce nunca ia acabar, que a vida ia continuar exatamente como era e que a Terra nunca ia chegar a este ponto. Infelizmente eu fiz parte dessa maioria. Gastava litros de água, punha lixo no chão porque tinha preguiça de levá-lo até ao caixote do lixo ou colocá-lo no devido ecoponto, não dava valor àquilo que tinha. E agora estamos a pagar caro. Sabes, poluir o ambiente tem um preço muito alto! – assim que ele disse aquilo lembrei-me da minha má ação do dia anterior e do sermão que a minha mãe me tinha dado. Claro que me arrependi imediatamente do que tinha feito.

- Hum...e se eu lhe dissesse que sou do passado? Que ainda posso estar a tempo de mudar algumas coisas? – perguntei.

Ele estranhou, mas sorriu.

- Bem, isso é estranho. Mas se isso que dizes é verdade, então apenas peço para que voltes e que faças algo de bom e não repitas os mesmos erros que eu. Volta e presta atenção aos anúncios e cartazes, poupa a água, não poluas, não estragues aquilo que a natureza te oferece e não a danifiques – acrescentou, piscando-me o olho.

Logo de seguida agradeceu e eu despedi-me. Fui a correr para casa, entrei no meu quarto e deitei-me na cama na esperança de adormecer, para que quando acordasse estivesse de novo no mundo normal, no mundo presente. Aos poucos e poucos, os meus olhos foram-se fechando lentamente e acabei por adormecer. Acordei umas horas depois e sentei-me na cama. Levantei-me e corri até à janela. Fiquei contentíssima por ver novamente os parques verdes, as pessoas com roupas normais, sem máscaras e o sol a iluminar tudo.

- Bom dia! – disse a minha mãe ao entrar no meu quarto antes de lhe dar um abraço. - Uau! O que se passou contigo? – perguntou ela.

- Nada, estou apenas bem-disposta – respondi sorrindo – Mãe, hoje devíamos ir comprar aqueles ecopontos para casa, para começarmos a fazer reciclagem e podíamos começar a comprar também aquele papel reciclado.

- Desde quando é que te tornaste tão ecológica? – interrompeu-me, entre sorrisos.

- Desde agora, acho eu - ri-me – Aprendi que não ganhamos nada em poluir, que apenas nos estamos a prejudicar. Além disso, poluir o ambiente tem um preço muito caro.

2º

CLASSIFICADO

3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

RECICLAGEM

LAURA FONTES

Colégio Senhor dos Milagres

Professor responsável:
Maria João Ervilha

ILUSTRAÇÕES
LEONEL BRITES

RECICLAGEM

Era uma vez um pequeno pedaço de papel perdido num sítio escuro, calmo e rodeado de muitos outros pedaços de papel sujos, amarrotados, de várias cores, feitios e materiais.

De repente, do sítio onde ele estava, viu-se uma luz muito forte e muitos outros papéis caíram em cima do pequeno pedaço de papel. Instalou-se uma grande confusão e foi aí que ele percebeu que estava preso no fundo de um grande e escuro caixote.

- E agora, como saio daqui?- perguntou o pequeno pedaço de papel.

- Agora, tens de esperar até amanhã, para o carro da recolha nos levar e pronto... será o teu fim!- respondeu ironicamente outro pedaço de papel azul.

E sem perceber a ironia, questionou muito assustado o pequeno pedaço de papel - Será o meu fim?!

- Sim, sim, todos temos um fim e o teu será em breve- esclareceu a cartolina amarela, que tinha manchas cor-de-rosa.

O pequeno pedaço de papel manteve durante algum tempo um silêncio incomodativo, estava muito nervoso, não conseguia parar de tremer. Só pensava no quão novo era e nas inúmeras utilizações que ainda lhe podiam ser dadas: para impressão, desenhos, rascunhos, no fundo ainda tinha uma vida pela frente. Poderia até vir a ser um papel especial, pois se fosse usado para a impressão de um documento muito importante teria de ser bem estimado e nunca iria morrer.

Todos os outros papéis que faziam parte do ecoponto azul, o papelão, já tinham adormecido, o pobre coitado do pequeno pedaço de papel continuava acordado a pensar no que o destino lhe reservava.

O dia amanheceu calmo e soalheiro, os outros papéis acordaram calmos e serenos, como se estivessem num conto de fadas. O pequeno pedaço de papel não entendia a calma deles, só entendia que mais tarde ou mais cedo ia chegar o carro do lixo e seria o seu fim.

- Então, será hoje o dia do fim da minha vida?- chorava o pequeno pedaço de papel.

- Sim, não percebo porque estás a chorar, iria acontecer um dia, e... olha é hoje!- acalmou-o a grande caixa de cartão.

RECICLAGEM

Entretanto, o carro do lixo chegou e um enorme e enferrujado gancho pegou o ecoponto azul e levou-o até ao camião. Foi então que um alçapão que estava debaixo do ecoponto se abriu e todos os papéis caíram dentro do carro do lixo.

O caminho parecia não ter fim, o pequeno pedaço de papel estava muito choroso, muito nervoso e muito amedrontado, por um lado queria chegar ao destino para ver o que realmente ia acontecer, por outro receava o que poderia encontrar.

Chegaram ao destino e avistaram uma grande fábrica, parecia ter vários departamentos.

"Será que vão escolher entre os mais novos e os mais velhos, e os mais novos saem em liberdade e os mais velhos é que serão mortos?", pensava o pequeno pedaço de papel.

Subitamente, viram-se todos num grande tapete rolante. O pequeno pedaço de papel pensou logo na diversão que aquele "escorrega" gigante poderia proporcionar, mas as circunstâncias tinham de ser outras; agora ali, só conseguia olhar para as pessoas de um lado e de outro do tapete que pareciam estar a escolher alguns deles, mas para quê? Leu nas suas fardas VALORLIS, o que significava? Pareceu-lhe familiar...

O pequeno pedaço de papel lembrou-se que já tinha visto aquele nome em algum lado. Pensou, pensou e pensou, até que se lembrou: "Ah, já sei onde estou, numa fábrica de reciclagem!". Ficou animado, pois percebeu que aquele não ia ser o seu fim.

O tapete rolante parecia não ter fim. Haviam muitos outros tipos de papel, que tinham sido agarrados pelos trabalhadores e postos em grandes carrinhos com rodas. A ele ninguém lhe tinha tocado, deduziu que não ia ser reciclado, talvez se fosse embora para concretizar o seu sonho, ser um papel muito importante!

O que os trabalhadores estavam a fazer era simplesmente separar os papéis que estavam demasiado velhos e que já não podiam ser reciclados, dos que ainda podiam ser reciclados.

Os olhos do pequeno pedaço de papel brilhavam radiantes, por saber que afinal aquele não iria ser o seu fim. Estava feliz da vida a passear no tapete rolante, quando de repente avistou ao fundo uma grande e ruidosa máquina.

O processo era muito simples: primeiro ia ser esmagado, seguidamente ia ser triturado, depois ia para uma máquina que fazia uma forma no papel, por fim ia para outra para dar cor e na última punham-lhe o símbolo da reciclagem.

RECICLAGEM

Essa máquina terrível parecia que o ia torturar. Foi então que o pequeno pedaço de papel caiu juntamente com todos os outros pedaços de papel, num carro que os ia levar à máquina da tortura, como ele lhe chamava, e que na verdade era uma esmagadora.

- Eu pensei que só íamos ser reciclados, mas já percebi que vamos mesmo morrer! - disse ele à cartolina amarela que tinha vindo no mesmo carro de reciclagem que ele.

- E vamos! Mas esta máquina não faz nada de mal, apenas cocegas, eu já passei pelo processo de reciclagem muitas vezes e ainda cá estou para contar a história - respondeu-lhe a cartolina amarela.

- Não sabia que podíamos passar por este processo mais do que uma vez, pensei que só podíamos ser reciclados uma vez e depois morríamos mesmo!- exclamou o pequeno pedaço de papel.

- Ah! Por isso é que tens tanto medo! Achaste mesmo que só podíamos ser reciclados uma vez? Não faz sentido!- riu-se o papel azul, que entretanto tinha voltado a encontrar o pequeno pedaço de papel.

- É bom saber disso, fico muito mais feliz e descansado- acalmou-se o pequeno pedaço de papel.

- Bem, agora muito provavelmente vamos ser separados. Adeus amigo! Assim que o processo acabar iremos encontrar-nos todos num armazém, onde depois seremos colocados em camiões que nos irão distribuir novamente por várias lojas. Vamos voltar a ser úteis - explicou o papel azul.

- Adeus amigos, até já. Obrigado pela ajuda que me deram- despediu-se o pequeno pedaço de papel.

Já nada nervoso, o pequeno pedaço de papel foi despejado para a esmagadora, onde iria começar o seu processo de reciclagem. Levou uma camada de água que faria com que ele ficasse mole, o que o tornava mais fácil de ser esmagado. Foi esmagado e depois voltou a solidificar.

Naquela noite ele tinha de ficar em repouso, não podia ter mais nenhum processo, pois se fosse submetido a uma grande camada de água poderia desfazer-se e aí sim seria o seu fim!

No dia seguinte, bem cedinho ouviu o som das máquinas. O trabalho ia recomeçar. E agora o que iria acontecer?

Animou-se logo, pois pensou que o seu percurso de reciclagem ia terminar. O que mais queria era que todo aquele processo acabasse, para que pudesse vir a ser um papel muito importante, como era o seu sonho.

RECICLAGEM

Foi transferido para a parte da trituradora e aquela sim, parecia ser uma máquina que ia matar qualquer tipo de papel, desde cartão à mais fina folha. Começou por ter medo, mas depois lembrou-se do que a sua amiga cartolina amarela tinha dito - "Eu já passei pelo processo de reciclagem muitas vezes e ainda cá estou para contar a história" - e acalmou-se.

A máquina começou a triturar o papel e ele não sentia absolutamente nada a não ser gotas de água a cair sobre ele. "Isto parece o sistema de rega que o senhor da casa onde eu era usado utilizava para regar a sua estufa", lembrou-se.

Continuou o processo e foi triturado. Por ele podia ficar ali o tempo que fosse necessário desde que o tornassem num papel muito importante. Na verdade o que ele queria era ser um papel de muito valor para que o tratassem com o devido respeito e não como uma reles folha que se usa para desenhar, escrever ou até mesmo imprimir e quando já não for precisa ir simplesmente para o lixo. Cada folha que gastamos representa inúmeras árvores que têm de ser cortadas, recursos gastos ou desperdiçados.

A única coisa que o pequeno pedaço de papel queria era que todos pusessem a mão na consciência e pensassem duas vezes antes de gastarem folhas de papel inutilmente. Estava nestes pensamentos, quando se viu dentro de uma máquina que lhe ia dar uma forma, um material e uma cor. Essa era a que lhe despertava mais atenção. "Será que posso escolher o meu formato, o meu material e a minha cor?" perguntava-se a si mesmo.

- Olhe peço desculpa, posso escolher a minha cor, formato e material?- questionou ele a um trabalhador que por ali passava.

- Sim, diz-me o que queres ser e eu trato disso - sorriu-lhe o trabalhador.

- Bem, na verdade eu queria ser um papel muito importante, quero ter o respeito que mereço pelo trabalho que faço - exclamou o pequeno pedaço de papel.

- Então está-me a parecer que o teu lugar é aqui mesmo nesta fábrica, nós aqui respeitamos muito o papel - disse o trabalhador.

- Excelente! Então escolha o senhor o meu material, cor e formato, estou ao seu dispor - respondeu o pequeno pedaço de papel.

O pequeno pedaço de papel não sabia o que iria ser, mas isso agora já não importava, pois sabia que ia ser valorizado.

Todo aquele processo terminou, o pequeno pedaço de papel era agora uma bela folha de papel reciclado. Olhava para a sua nova forma, orgulhoso da sua figura. Era de facto um orgulho muito grande ser uma folha de papel reciclado, que exibia o símbolo da reciclagem!

3º

CLASSIFICADO

3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A ÚLTIMA ESPERANÇA

RAFAEL GOMES

Colégio Senhor dos Milagres

Professor responsável:
Cláudia Anastácio

ILUSTRAÇÕES
LEONEL BRITES

HOLLYWO

A ÚLTIMA ESPERANÇA

Chovia intensamente naquele dia de primavera em Los Angeles. Não era hábito a intensidade da precipitação se prolongar durante tanto tempo, e muito menos na primavera onde costumava estar um brilho magnífico do sol, no céu azul.

Com o passar dos anos o clima sofreu alterações significativas devido à expansão dos vários tipos de poluição, consequentes das ações cruéis do homem que tanto despreza o mundo que outrora lhe foi dado.

Era inícios de junho. O verão estava perto mas parecia distanciar-se cada vez mais de acordo com a meteorologia, que naqueles últimos dias tinha dado notícias de uma elevada precipitação e tempestades terríveis. Com o decorrer dos anos, a ambição pelas inovações tecnológicas alterou os humanos, o que proporcionou a escassez de matéria-prima utilizada na implantação de variadas estruturas, caminhando assim para um abismo sem fim. Esquecendo-se por completo de como o mundo era único, levaram-no ao seu fim aumentado de forma invulgar a poluição.

Pelas ruas de Los Angeles caminhava, abrigado por um chapéu-de-chuva, aquele que era mais um dos emigrantes que partira de Portugal após a queda grave da economia. Abalado e imune à felicidade, deixou a sua família e amigos partindo para um local desconhecido em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Silencioso caminhava pelo passeio estreito, chapinhando as suas botas nas poças de água. Tinha um ar de desilusão aquele novo rapaz, o seu nome era Rui, aquele que salvará o mundo de um precipício que os humanos perfuraram através das suas ações egoístas.

O casaco preto de Rui estava totalmente encharcado, nas sapatilhas escorria água para o interior. De repente durante o seu caminho de volta para casa, um carro que circulava a alta velocidade molha Rui devido ao colapso da viatura com uma das poças de água da estrada.

- Argh! Que azar! - manifestou ele furioso com a sua desventura - Esta chuva já dura há tempo mais que suficiente.

Rui tinha vinte e três anos quando decidira sair de Portugal, país pobre que se revelara fraco perante as dificuldades que se lhe opuseram, originando centenas de desempregados e o acréscimo da emigração. Desde criança que se revelara um estudante aplicado, dominava facilmente as ciências e já em pequeno sonhava fazer a diferença através dos seus valores e capacidades; crescera numa pequena casa dentro da cidade e ao longo da sua infância vira o seu mundo a escurecer e a ser dominado pelas forças cruéis humanas que acabavam com o fantástico planeta Terra, que em tempos fora magnânimo.

Era gozado pela sua maneira diferente de ser, obcecado pela reciclagem e por um mundo mais verde, sonhava que o planeta, em que nos foi dada a oportunidade de viver, tornasse a ser como era retratado nas histórias magníficas que a sua mãe contava, um mundo belo e harmonioso, com o céu azul no verão, a chuva clara no inverno, os verdes campos imensos de belas flores, as florestas, o chilrear dos pássaros, zonas magnificas associadas às habitações.

A ÚLTIMA ESPERANÇA

Rui era um mero ecologista, profissão que consiste no estudo dos ecossistemas florestais, aquáticos e urbanos e visam diminuir os impactos causados pelas ações degradadas dos homens, encontrou um ofício que o levaria ao seu grande objetivo.

Encharcado, procurou maneira de conseguir afastar-se da estrada com o objetivo de evitar ficar novamente ensopado pela água da chuva. Procurou então uma rua entre os prédios antigos da cidade e encontrou aquela que decerto o levaria ao seu apartamento.

A chuva aumentara, e já nem o guarda-chuva lhe garantia o devido abrigo. O vento enfurecera-se radicalmente, o que desencadeara uma tempestade pavorosa. Enquanto caminhava, um dos trovões sinistros que iluminavam aquele terrível fim de tarde fez-se soar mesmo em frente à rua por onde circulava Rui, o impacto do trovão fez com que o rapaz se assustasse e perdesse as forças devido ao pavor que estava a enfrentar. O embate do corpo no chão causara alguns danos e impedira-o de se levantar rapidamente e enquanto isso, acon-teceu algo incrível e inexplicável.
Na luz branca do relâmpago formou-se um pequeno remoinho. A escuridão daquele dia era iluminada agora por aquele enigma. Surgiu um pequeno bura-co negro no céu escuro e dali, com grande pressão, saiu um papel enrolado que caiu no chão ficando exposto à água da chuva.

Antes que a carta se tornasse ilegível e impedisse Rui de a decifrar, este levantou-se a correr, pegou no papel antes que se encharcasse e regressou para casa.

Anoitecera rapidamente em Los Angeles. A chuva ainda se fazia soar na rua e Rui sentou-se com ar pensativo na sua cadeira e pegando naquele papel contemplou-o antes de o abrir, pensando se tudo aquilo que antecedera não fora uma mera ilusão. Mas na verdade, seria impossível que tal coisa fosse apenas fonte da sua imaginação.

O brilho do buraco que se terá aberto no céu a queda repentina do papel, tudo aquilo colocava dúvidas na mente engenhosa do rapaz que se preparava para analisar o misterioso papel. E sem mais demoras começou a ler:

“ Saudações, terráqueos do passado! Sim, isso mesmo: do passado. Envio-vos esta carta de um futuro próximo por obra dos inimagináveis avanços tecnológicos que se irão suceder. Não poderei revelar muito sobre o futuro, pois não quero gerar danos irreversíveis no meu presente. Não é necessário saber quem sou eu, mas resumidamente sou aquele que quer contornar o que o homem fez, tornar vivo aquilo que a ação antrópica matou. A verdade é que com o passar dos anos, algo que pudesse tornar possível a comunicação com o passado e futuro foi construído. No entanto, esta tecnologia tornou-se imensamente perigosa e foi estritamente proibida; recorri à coragem, passando obstáculos sem fim para conseguir enviar esta carta para o passado.

A ÚLTIMA ESPERANÇA

Desconheço o destino da mensagem mas conheço e estudei as consequências deste ato simbólico. Todavia, escrevi esta carta com o objetivo de alterar o futuro cruel que teremos de passar e evitar o terrível estado em que o planeta se encontra agora.

Já nos tempos em que vós estais a viver podeis conhecer aquilo que irá desmoronar o mundo que outrora nos foi dado.

O homem ambiciona o poder e o desenvolvimento, opta pelos avanços tecnológicos com o fomento tanto da indústria como da agricultura, que causam impactos ambientais devido à emissão de gases que provocam o aumento do efeito de estufa e a diminuição da camada de ozono. As consequências disto são dramáticas e podem levar ao fim da biodiversidade e à alteração dos ecossistemas.

A degradação do ambiente prejudica a saúde e o bem-estar da população e irá criar condições que destruirão o nosso planeta. As consequências da poluição serão diversas, indo desde a proliferação de doenças, ao aumento da mortalidade devido à escassez de matéria essencial à vida, à destruição dos ecossistemas, à falta de água potável e ao aumento da temperatura. Todos estes fatores ocorrem devido à desflorestação, à utilização de automóveis, aos avanços tecnológicos e à expansão das indústrias que emitem gases poluentes para a atmosfera. O mundo já não é aquilo que foi há anos atrás, o verde dos campos, o chilrear dos pássaros, o azul do céu e a luz do sol agora escondida entre as penumbras das nuvens cinzentas...

Para evitar tudo isto é hora de inovar e criar algo notório para mudar a mente humana. Para tal, deveis reciclar, pois o desperdício de matéria-prima leva ao aumento da poluição, deveis também evitar a emissão de gases, utilizar transportes públicos, criar técnicas que evitem a emissão de poluentes e promover a reflorestação bem como a preservação da natureza.

No entanto, de entre estes vários fatores, aquele que mais anda a destruir o mundo é sem dúvida a ausência de reciclagem e através deste processo é possível reutilizar e diminuir a poluição em vários sectores.

Para o desconhecido que esteja a ler esta carta, peço-lhe que acredite em mim, e que tente mudar o futuro, pois esta será a ultima oportunidade. O mundo desmoronar-se-á aos poucos e poucos e vós sois a nossa última esperança. Boa sorte!"

Rui não teve qualquer reação após a leitura da carta. Sentiu-se estranho, as incertezas daquele rapaz levaram-no a hesitar em relação a avançar para evitar o que estava descrito na carta.

Naquela mesma noite, não conseguira dormir. Sabia que tinha de fazer algo e não demorou muito a surgir a solução que evitaria o futuro cruel que o esperava. Sabia que a carta tinha um propósito, o qual por sua vez, o fez constatar que era a altura de através da sua força e coragem, mudar o mundo e salvá-lo dum abismo sem fim.

A ÚLTIMA ESPERANÇA

Ao fim de um mês, Rui colocou em prática o seu plano que iria ser visto por grande parte da população mundial, algo que iria alterar de vez a maneira de pensar dos humanos que iriam optar por honorificar o mundo que lhes fora dado, cuidando dele de uma maneira nunca antes vista, tomando por iniciativa os avanços tecnológicos de forma renovável e dominando por fim o mundo com a reciclagem, o principal fator que evitaria o fim do planeta Terra.

Era o dia 17 de maio. Tudo estava preparado de acordo com o planeado. Rui não conseguira elaborar o plano sozinho e por essa razão arranjou uma enorme equipa preparada para mostrar ao mundo como a poluição iria criar um mundo impossível de ser habitado. Com o passar dos dias, Rui dedicara-se ao estudo das consequências das ações do homem, já conhecia imensas consequências adquiridas ao longo da evolução profissional, mas um estudo mais enriquecido, resultante de estudos científicos, iria aprofundar de maneira significante o conhecimento do rapaz. Após este estudo detalhado, procurou contactar com imensas empresas de modo a arranjar trabalhadores espalhados por todo o mundo para desenvolver o seu plano e atuar de modo prestigioso.

Sabendo que a maneira mais eficaz de tocar a população era através dos meios de comunicação, Rui optou por elaborar um pequeno filme de modo a sensibilizar a população. Não era uma ideia original, mas o vídeo que iriam ver era extremamente vigoroso. O vídeo mostrava não só as causas como as consequências do que a ação do homem tem proporcionado ao longo dos anos. Após a visualização da breve imagem do futuro tão indecente, retratado na carta, a população ficara espantada. Os pormenores especificavam detalhadamente o resultado da ação do homem sobre o mundo e a tristeza apoderou-se do público, que já aqui se mostrava arrependido e culpado.

Por último, foi pedido aos espetadores que saíssem à rua e colaborassem com os milhões de assistentes espalhados pelo mundo que trabalhavam para o Rui, foi-lhes igualmente pedido que lançassem para a atmosfera um balão verde com o símbolo da reciclagem, de maneira a que o céu se enchesse de esperança.

Toda aquela intervenção dos ecologistas e defensores da natureza de todo o mundo tocou o coração daqueles que colaboravam para a salvação do planeta Terra e por fim, o futuro retratado na carta foi alterado.

Rui, juntamente com a sua equipa, sentia-se honrado pelos seus atos dignos que levaram ao surgimento de uma população feliz a qual tinha por fim percebido que aquele era o mundo deles e teria de ser salvaguardado e preservado. Todos os atos como a preservação da água, a reciclagem, a diminuição da emissão de gases, a utilização de filtros nas indústrias, a expansão da energia reutilizável e os avanços e conhecimentos conduziram à construção e elaboração de métodos promotores da reciclagem e da inovação da tecnologia por fontes renováveis.

Porque este é o nosso mundo, devemos cuidar dele e preservá-lo. Devemos tentar perceber o que o futuro nos reserva e alterar todos os atos que levam ao cruel "amanhã", pois unidos conseguiremos tornar esta "casa" um mundo bastante melhor.

1º

CLASSIFICADO

ENSINO SECUNDÁRIO

UM PEQUENO PASSO, UMA GRANDE MUDANÇA

PEDRO TEODORO SILVA

Escola Básica e Secundária Henrique Sommer

Professor responsável: Dina Bastos

ILUSTRAÇÕES

RUI PEDRO LOURENÇO

UM PEQUENO PASSO, UMA GRANDE MUDANÇA

Cartãozinho, Latinha e Frasquinho de Vidro,
Estejam prontos bem cedo. Amanhã é dia de visita de estudo.

Ass: Valorlis

O recado no placar não deixava dúvidas. Aquele ia ser um dia fantástico para o Cartãozinho, a Latinha e o Frasquinho de Vidro. Era o dia de visitar uma escola da zona. Tinham sido convidados pelo diretor para conhecerem de perto jovens estudantes e isso deixava-os entusiasmadíssimos. Seria a primeira saída de campo, uma saída a sério!

O dia amanhecera sorridente, tal como eles. Lá fora o sol já brilhava, como se quisesse presentear o mundo pelo novo dia e pelas novas oportunidades. Estávamos em maio e os passarinhos chilreavam a compasso - uma sinfonia digna de Schubert. Uma ligeira brisa soprava por entre a natureza verdejante, numa carícia de sentidos. Tudo estava perfeito. É impressionante como o mundo tem formas tão sublimes de nos tocar sem nós por vezes darmos por ela. Tal como os três, que nesse dia, pela euforia da saída e a pressa para não se atrasarem, se esqueceram de receber o mundo como ele os recebe – com paz, beleza e simplicidade.

O Cartãozinho, a Latinha e o Frasquinho de Vidro eram fruto do acaso ou de um simples descuido. Tinham sido recolhidos perto do rio por um dos funcionários da Valorlis, que os colocou no parapeito de uma janela da empresa com a promessa silenciosa de os devolver mais tarde aos seus lugares nos ecopontos: azul, amarelo e verde respetivamente. Mas isso nunca veio a acontecer. Por esquecimento? Talvez. As pessoas vivem sempre tão a correr e distraídas do mundo que às vezes também se distraem de si próprias. Tão triste uma coisa quanto a outra.

Mas bem, com o passar dos dias, ressequidos pela exposição solar, quase a vergar - exceto o vidro, que esse não verga – o milagre deu-se. O Cartãozinho, a Latinha e o Frasquinho de Vidro ganharam vida, cor, voz e poder de ação, de tal forma que se tornaram as mascotes da Valorlis, com direito a fotografia de grupo e a prémios de mérito. Eram empenhados nas causas ambientais porque, no fim de contas, eles eram órfãos porque não tinham prosseguido viagem com a sua família, o que tinha sido mais um atentado contra o meio ambiente e contra eles próprios. No fundo sabem que as pessoas não imaginam as repercussões de um simples, e até eventualmente único, ato de deixar o lixo no chão. Basta multiplicar essa única vez por todos os habitantes, e a

UM PEQUENO PASSO, UMA GRANDE MUDANÇA

tonelada de lixo saltará à vista de todos. Já imaginaram se não houvesse quem tratasse dos nossos 'descuidos'? Não é por nós, é por aquilo que é de todos nós – o mundo lá fora.

Agora ali estavam, decididos a dar o seu melhor. Na verdade, preferiam ter seguido outro caminho, para o respetivo ecoponto com os seus familiares, sido sujeitos a todas as manobras necessárias de recolha, triagem e reciclagem (esta última já noutro local que não a Valorlis). Talvez nesta altura tivessem uma outra vida, possivelmente sob outra forma; tivessem conhecido novos lugares, novas pessoas; tivessem cumprido outras missões. Ninguém consegue imaginar as potencialidades da reciclagem, só mesmo quem a conhece de perto. E eles conheciam, já não eram lixo "de primeira viagem". No entanto alguém tinha negligenciado as suas obrigações para com o ambiente, outro alguém se esquecera deles no parapeito e por isso, ali estavam eles, na casa que antes tinha sido de passagem. Mas foi o milagre, o tal milagre que os fez tornarem-se no que são hoje. Teria sido a força do destino? Para eles, apesar de guardarem alguma mágoa e muita saudade, o destino não tinha sido completamente negativo. A verdade é que às vezes, só quando passamos por dificuldades, é que conseguimos tornar-nos mais pro ativos. Aquela experiência obrigou-os a reflectir e a posicionarem-se. E nesse sentido, esse dia de saída ia ser um marco muito importante, iam espalhar a palavra, dar o seu testemunho junto de jovens, futuros adultos, que precisavam de alguns "puxões de orelhas" quanto aos seus comportamentos.

E foi assim que lá seguiram, limpinhos e sorridentes, em direcção à dita escola. Pelo caminho, iam olhando de esguelha para a berma da estrada. Aqui e ali, movimentavam a cabeça em sinal de reprovação e tristeza, pensando: "Há lixeiras com quase menos lixo que algumas beiras de estrada." Sentiam-se miseráveis com tal cenário.

O primeiro contacto com a escola também não foi dos melhores. Mal pisaram o chão da entrada, deram de caras com alguns familiares espalhados pelos cantinhos do pátio, outros mesmo ali, perto do caixote do lixo que tinha a respetiva separação; é como se estivessem praticamente ao lado da sua família sem que lhes pudessem tocar. Alguém consegue imaginar algo mais cruel que isto? Uma tampinha aqui, um papelinho ali, tudo praticamente no local adequado. Faltava tão pouco para poderem ter seguido viagem junto dos seus!

Em contrapartida, na secção dos indiferenciados estava tudo em alvoroço com muitos lixinhos que não pertenciam ali; e como o lixo é muito elitista, não gosta nada de misturas. Mas as pessoas acham que colocar tudo no mesmo saco é um mal menor que deitar para o chão. No entanto, para quem trata o lixo, tê-lo separado faz uma grande diferença e o lixo gosta sempre de se reencontrar no final da sua missão estar cumprida; é quase como o regresso a casa após uma longa viagem. Era mesmo uma ironia, o Cartãozinho, a Latinha e o Frasquinho de Vidro fizeram um esforço para conter as lágrimas, e até alguma revolta, e prosseguiram em direção ao interior da escola.

UM PEQUENO PASSO, UMA GRANDE MUDANÇA

A ideia não era dar uma palestra. Não! Isso não iria servir para nada. O segredo era chegar aos miúdos, tocar-lhes, e para isso acontecer tinha de ser com palavras sentidas e honestas, em circunstâncias mais intimistas. O discurso impessoal não arrasta multidões, teriam de falar com o coração.

Prosseguiram a sua visita entrando no recreio. Do lado esquerdo, ao fundo, existia um bar onde estavam miúdos numa fila interminável, acotovelando-se freneticamente. Em cima das mesas que compunham o local saltitavam com o vento, provocado pela movimentação dos miúdos, guardanapinhos sujos e amachucados. Pareciam estar a gritar: "levem-nos daqui, levem-nos daqui". Mas ninguém fazia caso deles. Afinal de contas, o que é um guardanapinho fino e leve no meio de todo o lixo que as pessoas produzem todos os dias? Quase nada. E por isso, as pessoas pensam sempre que se deixarem ali aquele pequeno exemplar ninguém dará por nada e não fará grande diferença. E depois será mais um que alguma alma bondosa irá levar, de ali para fora, para os indiferenciados. Aqueles papelinhos fizeram-lhes lembrar outros, aqueles que são deitados pelas janelas dos condutores que priorizam a limpeza do carro em detrimento da limpeza do meio ambiente, por exemplo. E é assim que o lixo fica pelo chão, pisado e repisado, saltitando de um lado para o outro da estrada, saltando para as bermas, escondendo a vergonha que sentem de quem o lança. E ali ficam anos a fio. Todos estes pensamentos incomodavam fortemente os três companheiros.

O recreio era amplo, amplo o suficiente para poder albergar umas quantas centenas de alunos. O Cartãozinho, a Latinha e o Frasquinho de Vidro reparavam que existiam caixotes do lixo um pouco por toda a parte e que, curiosamente, permitiam a separação do lixo. Eram uns verdadeiros mini ecopontos. No entanto, espreitando para dentro deles, verificaram que o lixo era colocado de forma indiscriminada pelos alunos. Ou colocavam tudo nos indiferenciados, ou trocavam os sítios de cada um. Ainda assim, a parte mais difícil estava feita, a de ter caixotes que permitem a separação por categorias. Pois, muitas vezes esse é o entrave, seja porque não se tem ecopontos em casa, ou porque o mais perto de casa fica longe. Sabemos que o preço de um caixote para fazer a separação não é assim tão elevado. Mais caro nos sairá os efeitos nefastos no ambiente e na economia do país, uma vez que muito desse lixo deixará de ter a possibilidade de ser devidamente reciclado. Além disso, qualquer saco dá para fazer a separação, pelo menos do papel, do vidro e do plástico.

E os três companheiros sabiam bem disso. Seria assim tão difícil decorar as cores de cada um? Lembraram-se nesse momento que apesar de já estarem há tanto tempo na Valorlís se tinham esquecido de perguntar as razões da escolha das cores. Essa explicação poderia ajudar as pessoas a associarem melhor o lixo às cores. Têm de reconhecer que a padronização das cores nem sempre facilita a colocação de lixo no imediato, ainda que os ecopontos tenham também integrado o nome dos respetivos materiais. Outro entrave é a lista de tipos de lixo que à partida podem ser colocados num certo ecoponto mas que afinal não se adequam. No azul, por exemplo, podemos colocar jornais, mas não podemos colocar guardanapos e papeis contaminados. Papeis contaminados? A verdade é que a maioria das pessoas não sabe o que isso é.

UM PEQUENO PASSO, UMA GRANDE MUDANÇA

Decidiram que, depois daquele dia, teriam de trabalhar no sentido de encontrar uma solução para descomplicar a separação dos lixos. É que a consciencialização para a sua importância era no fundo tão importante como torná-la de fácil aplicabilidade. Mas uma ideia saltitava na mente deles: Seria preferível fazer uma tentativa de separação, embora com falhas do que não fazer separação alguma.

O Cartãozinho, a Latinha e o Frasquinho de Vidro abandonaram estas angústias e lançaram-se no que, de fato, se tinham proposto a fazer naquele dia. À medida que iam circulando entre os alunos, estes olhavam-nos de lado com um ar ora de desprezo ora de curiosidade. Apesar do ar angustiado e um pouco triste que os três visitantes apresentavam, até pareciam afáveis, e por isso os alunos acabavam por se aproximar. Num tom simpático, cumprimentaram-se uns aos outros e, lentamente, como o som das vozes era melódico e quase poético, os alunos mais afastados foram-se aproximando também. Primeiro uns, depois outros; ao fim de um tempo já todos os alunos daquela escola, ou uma grande parte, rodeavam os três estranhos. Na verdade, mesmo quem estivesse afastado percebia que naquele sítio estava a decorrer uma entusiasta conversa entre todos. O que falavam? Sim, afinal o que falavam? Isso ficou ali, entre os limites daquele recreio. Certo é que ainda hoje, passados cinco anos daquele encontro, existe na parede central daquele saudoso recreio um placar feito pelos alunos que ali estiveram presentes naquele dia, que diz o seguinte:

O Mundo inteiro sofre com o teu comportamento...
e tu és uma parte desse Mundo!

Do que fizeres hoje, recolherás os frutos no futuro.

A reciclagem é fundamental para a preservação do meio ambiente: permite a reutilização de materiais e uma menor pressão sobre os recursos naturais.

É necessário que contribuamos para um desenvolvimento sustentável!

E, verdade seja dita, não há um único aluno daquela escola, desde essa altura, que não faça uma correta separação do lixo. Pelos cantos do pátio, pelas imediações dos mini ecopontos, pelas mesas do bar, ninguém, mesmo ninguém, consegue vislumbrar um triste papelinho solitário. Fantástico!

2º

CLASSIFICADO

ENSINO SECUNDÁRIO

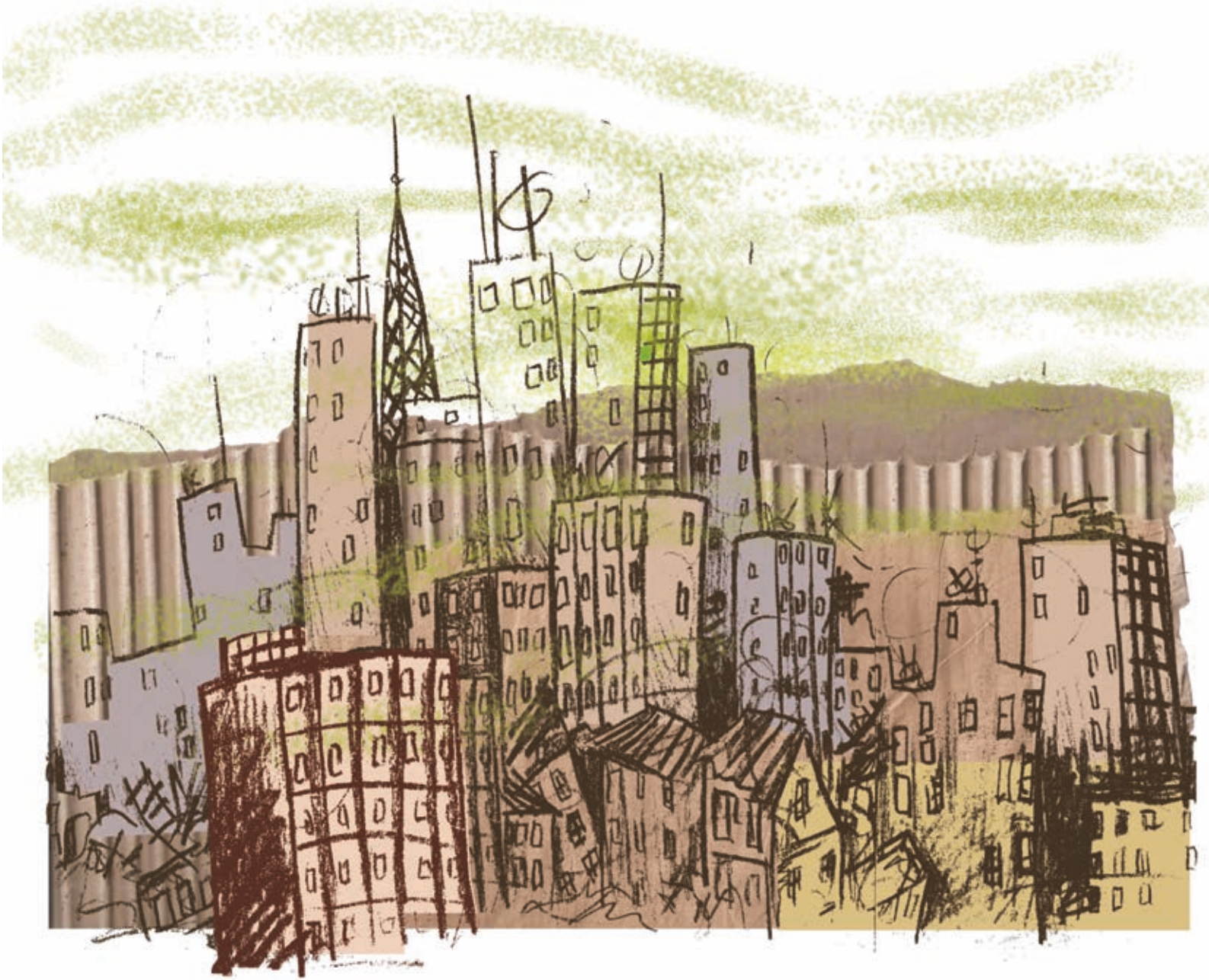
GREEN DREAMS
SONHOS VERDES

DANIELA FREIRE FLORES

Escola Básica e Secundária de Ourém

Professor responsável:
Gracelinda Marques

ILUSTRAÇÕES
RUI PEDRO LOURENÇO



GREEN DREAMS - SONHOS VERDES

Estamos no ano de 2035. O mundo encontra-se numa longa e complicada fase de recuperação.

Durante 20 anos a Humanidade teve de enfrentar o acontecimento que mais temia: a 3ª Guerra Mundial, guerra essa diferente mas ao mesmo tempo igual às que lhe antecederam. As mesmas disputas de poder, o mesmo anseio pelo cheiro a sangue e a miséria, a mesma crueldade e desumanidade perante o outro, as mesmas nações, os mesmos aliados, os mesmos inimigos e as mesmas armas, porém, mais sofisticadas e com métodos de uso diferentes; é como termos uma pistola mas premirmos o gatilho de uma maneira que não é habitual. Neste caso em concreto, foi com a nossa "amiga" tecnologia que aprendemos a mudar a forma como premimos o gatilho. Simplificando as coisas, durante a guerra todas as armas e aviões foram controlados por computadores, que por sua vez foram programados pelos peritos em informática e em arte bélica de cada nação. Porém, o que despoletou a guerra foi o facto de muitas dessas armas e aviões terem sido alvos de ataque de hakers que agiam contra os países a fim de os levar a lutarem uns contra os outros. No final muitos foram os países (não todos) que assinaram acordos em que todas as armas e todos os métodos tecnológicos teriam obrigatoriamente de ser destruídos, entre os quais super computadores e satélites, e por conseguinte a Internet e toda a informação nela presente. Sendo assim, só nos restou a sabedoria popular e a escrita nos livros - os poucos livros que restavam – pois com isto a Humanidade regredira cerca de um século.

Isto foi há 20 anos atrás, e até aos dias de hoje, tudo o que eram robôs para separar o lixo tão prejudicial para a saúde pública e máquinas de eliminação de resíduos, deixaram de ser desenvolvidos. Consequentemente, por mês, toneladas e toneladas de lixo tóxico permanecem à porta de casa de cada cidadão sem que sejam levadas para a reciclagem.

O ar das cidades piora a cada dia que passa, tornando quase impossível respirar sem ser através de uma máscara de oxigénio. Cidades como Tóquio, Xangai, Londres, Paris, Berlim e Nova Iorque, tornaram-se completamente inabitáveis. Muitas foram as tentativas de impedir que algo tão dramático acontecesse, mas como nós sabemos, é muito difícil chegar a um acordo definitivo entre as grandes nações. Ora é a Rússia que discorda com a União Europeia, ora são os Estados Unidos contra a Coreia do Norte; enfim, é cada vez mais difícil para os seres humanos entrarem em acordo. Contudo e sem baixarem os braços, uma equipa de investigadores nos Estados Unidos mais precisamente no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), tem feito um esforço na área da investigação de soluções tecnológicas viáveis para a proteção do nosso planeta.

A equipa é constituída por 3 membros, todos de nacionalidades e de áreas profissionais diferentes; Edward Fields, americano, ex-aluno do curso de Programação e Informática distinguido durante o seu percurso escolar no MIT, foi convidado para trabalhar para a NASA, não aceitou e é o atual diretor do Departamento de Engenharia Elétrica e Ciências Computacionais do MIT; Mia Stevenson australiana, uma das ecologistas mais conceituadas que trabalhou na Greenpeace (outrora extinta), detentora de um cargo importante na Assembleia Geral da ONU; e Emília Freire portuguesa, engenheira química, estudou no Centro de Química da Universidade do Porto (CEQUP), trabalha com questões ligadas à reciclagem e é investigadora na chamada área da "química verde".

É óbvio que estes três investigadores não se juntaram por acaso do destino. Tudo começou em junho quando numa cimeira da ONU em que se discutia a

GREEN DREAMS - SONHOS VERDES

sustentabilidade do nosso planeta e como é que os avanços tecnológicos das últimas décadas poderiam ajudar a preservar o ambiente, Emília falou sobre o seu estudo e investigação na área da "química verde".

No final, Mia, que como se referiu faz parte da Assembleia Geral da ONU, mostrou-se tão interessada no projeto de investigação da "química verde" que decidiu formar uma equipa de investigadores de várias áreas para que estes pudessem ajudar no desenvolvimento do projeto da equipa do Centro de Química da Universidade do Porto, do qual Mia fazia parte. Para começar pensou que tanto ela própria como Emília deveriam fazer parte dessa futura equipa, ela como ecologista e Emília como engenheira química, e que esta teria de ter no mínimo três elementos. Escolher o terceiro não foi propriamente difícil. É certo que existem muitos cientistas qualificados, mas como o projeto de criar esta equipa ainda não tinha sido oficializado, Mia Stevenson não se queria comprometer demasiado e por isso pensou que o ideal era convidar um dos seus amigos investigadores. A questão era: qual? Deliberou muito acerca do assunto mas acabou por se lembrar de Edward Fields, o seu amigo de infância que se tornou num dos programadores informáticos mais conceituado do século XXI. Felizmente que não perdera o seu contacto! Mais tarde Edward aceitou a sua proposta e os três marcaram encontro no MIT, onde marcaram a reunião para o dia 20 de junho.

- Bom dia, o meu nome é Emília Freire, tenho uma reunião marcada com Ms. Stevenson e Mr. Fields agora às 10 horas, sabe-me dizer onde fica o gabinete? – perguntou Emília à secretária enquanto arrumava na sua mala o ticket do parque de estacionamento.

- Bom dia, Ms. Freire. Sim, aguarde um momento que eu vou confirmar – respondeu a secretária saindo do balcão da receção.

Enquanto isso Emília ia apreciando a entrada do edifício.

- Ms. Freire, a sua reunião é no gabinete do Departamento de Engenharia Elétrica e Ciências Computacionais. A senhora sabe onde fica?

- Não – respondeua Emília envergonhada.

- Neste corredor, segue em frente e tem um elevador; o gabinete é no segundo andar terceira porta à direita – indicou a secretária, fazendo gestos com as mãos para ilustrar melhor o que estava a dizer.

- Muito obrigada! Tenha um bom dia! – agradeceu Emília.

Entretanto Emília seguiu todas as instruções que lhe foram dadas, deparando-se com uma porta que dizia em letras grandes: "Departamento de Engenharia Elétrica e Ciências Computacionais" e por baixo: "Edward Fields".

- Acho que deve ser aqui. Já está na hora, vou bater à porta – pensou Emília.

- Entre! – disse uma voz masculina que ela imaginava ser a de Edward.

Emília abriu a porta e entrou. O gabinete era uma sala ampla, com muita luminosidade, uma das paredes era comprida e tinha janelas muito grandes, a outra a seguir era mais curta mas tinha um armário de madeira com prateleiras onde estavam expostos troféus de concursos, inclusive o de um primeiro lugar no "XIV Concurso Nacional de Robótica" e um diploma de curso com o nome de Edward Fields. No meio da sala, havia uma grande carpete em tons de castanho e uma mesa oval de madeira, com o mesmo tom de cor do armário. Sentados à mesa estavam Mia Stevenson e Edward Fields, com o seu computador portátil "topo de gama".

- Bom dia Mia, Mr. Fields. – cumprimentou Emília.

GREEN DREAMS - SONHOS VERDES

- Bom dia Emília! Podes-me tratar por Edward. Posso tratar- te pelo teu nome próprio? – perguntou.

- Claro que sim, Edward – corrigiu Emília um pouco hesitante.

Os três riram-se da situação. Na verdade, ao contrário do que Emília esperara todos estavam na casa dos trinta. Emília observou Edward, era um homem carismático com um ar encantador, o cabelo era louro e curto e os seus olhos azuis, embora os óculos que usava ocultassem a sua beleza e brilho. Devia ter por volta de um metro e oitenta, usava uma camisa vermelha e branca aos quadrados, umas calças de ganga escuras e uns sapatos castanho-claro. Um look bastante descontraído mas ao mesmo tempo formal.

Emília sentou-se numa cadeira ao lado de Mia, estando as duas de frente para Edward.

- Bem, vamos começar a nossa reunião – informou Mia.

- Alguém quer um café? – perguntou Edward, sorrindo e mostrando os seus dentes brancos e perfeitamente alinhados.

- Eu estou bem, obrigada na mesma – respondeu Emília.

Edward olhou para Mia, como que a perguntar se ela queria.

- Não, obrigada Edward – agradeceu Mia. Como vos disse - prosseguiu - quis reunir-me convosco para formarmos uma equipa de investigação. Se as coisas correrem bem e se entretanto aparecer mais alguém interessado, gostaria de formar uma organização não-governamental sem fins lucrativos, formada por equipas com profissionais das mais variadas áreas relacionadas com o estudo do ambiente, como ecologia por exemplo. Para já somos só nós e nesta reunião queria discutir ideias e projetos convosco.

Mia dirigindo-se a Emília disse:

- Na cimeira da ONU falaste sobre a "química verde" e devo confessar, que fiquei bastante interessada.

- "Química verde"? Acho que já ouvi esse nome em algum lado mas não investiguei – interrompeu Edward.

- Sim, era mesmo isso que queria que a Emília te esclarecesse, ela explicou um pouco lá na cimeira mas com certeza que não disse tudo o que tinha para dizer. Como foi tudo um pouco à pressa, podes explicar melhor Emília? – prosseguiu Mia.

- Claro que sim. A ideia da "química verde" já tem alguns anos mas surgiu aqui nos Estados Unidos, em 1995 pela Agência do Meio Ambiente dos Estados Unidos da América (EPA) e foi introduzida pelo cientista Mark Harrison da Universidade de Lehigh. Esta ciência assenta no conceito de que os elementos químicos não devem degradar o ambiente. Basicamente embora seja mais complicado do que parece, é a invenção, o desenvolvimento e a aplicação de produtos e processos químicos para reduzir ou eliminar o uso e a produção de substâncias perigosas. Claro que neste contexto, o termo "perigosas" deve ser entendido como substâncias, de algum modo nocivas à saúde humana ou ao meio ambiente.

- E a "química verde" até pode ser utilizada em várias áreas como na reciclagem de materiais orgânicos, na despoluição de indústrias que trabalham e fabricam metais como o ferro e o aço e na construção dos chamados "prédios verdes", edifícios feitos com materiais não-poluentes – interrompeu Mia, com um audível tom de entusiasmo presente na sua voz.

- Sim! Para além disso, fábricas de automóveis de algumas marcas alemãs já

usam este tipo de química, de modo a criar um sistema nos escapes dos seus carros que transforme o dióxido de carbono em ar ou água – completou Emília, sorrindo face à excitação da sua colega.

- Hum... já percebi – disse Edward, começando a escrever algo no seu portátil. – De facto é muito interessante, mas com certeza que passados quarenta anos a "química verde" evoluiu.

- Claro! Assim como as máquinas concebidas para formarem esse tipo de elementos não prejudiciais ao meio ambiente. Contudo, foram destruídas como consequência da 3ª Grande Guerra Mundial; segundo algumas investigações que fiz já só existem rascunhos de projetos de construção dessas máquinas, se é que não desapareceram todos - terminou Emília com um encolher de ombros.

- Mas quem é que iria destruir esse tipo de máquinas durante uma guerra? – perguntou Mia com um tom de voz algo escandalizado, talvez até exagerado.

Emília limitou-se apenas a abanar a cabeça encolhendo os ombros.

Fez-se um silêncio na sala como se estivessem a pensar na questão que Mia acabara de fazer.

- Temos de encontrar esses projetos se queremos realmente avançar com isto – sugeriu Emília.

- Então, suponho que é aqui que eu entro nesta história encontramos os rascunhos e eu tento recriar essas tais máquinas. Não sei se tenho habilitação para aquilo que queremos fazer, mas tenho alguns contactos que nos poderão ajudar caso seja preciso – concluiu Edward.

- Ai sim? Ainda bem, assim podemos sempre pedir uma segunda opinião; mas na verdade, as máquinas até são bem simples por isso acho que não vai ser um grande problema. Penso que tens as habilitações mínimas necessárias para as reconstruir – comentou Emília, sorrindo envergonhadamente para Edward, que lhe retribuiu o sorriso.

- E sabes onde é que poderemos encontrar os rascunhos? – perguntou Mia a Emília, fazendo com que esta se virasse para ela.

- Sim, mas a verdade é que só investiguei onde poderiam estar – respondeu-lhe Emília.

- Então, sabes onde estão? – continuou Mia.

- Exatamente não, mas fiz uma lista de possíveis lugares, segundo as minhas investigações – respondeu Emília prosseguindo – tenho-a aqui comigo. Sabia que nos iria ser útil.

Dito isto, pegou na sua mala e tirou de lá um papelinho com o nome de apenas dois lugares.

- Aqui está, – exclamou abrindo o papel e pousando-o ao centro para que os três a pudessem ver.

- Mas isto são nomes de sedes de organizações ambientalistas?! Está aqui a sede da Greenpeace e da WWF (Fundo Mundial para a Natureza)! – constatou Mia.

- Mas os rascunhos só existem na sede dessas duas organizações? – questionou Edward.

- Não, é claro que não! Mas já são poucos os documentos que existem em papel porque, ou foram queimados ou existiam em suporte digital – respondeu Emília. Eu sei que é pouco mas foi o que de melhor consegui arranjar, para além

de que, essa informação é a mais fidedigna que encontrei.

- Não faz mal, vendo bem quanto menos opções tivermos mais rápido e fácil será encontrar os rascunhos – disse Edward para tranquilizar Emília.

- Só temos é um problema, daqueles problemas mesmo aborrecidos sabem? – começou Mia – A Greenpeace foi extinta no início da guerra!

- Pois... - disseram Edward e Emília como um coro em perfeita sintonia.

- Mas trabalhaste lá, Mia! O que é que tu achas? Ainda existe hipótese de recuperarmos os projetos das máquinas? – perguntou Emília.

A Mia estava pensativa e por isso demorou um pouco a responder. Geraram-se alguns momentos de silêncio no gabinete.

- Sim, penso que sim – acabou Mia por responder.

- E onde? Onde é que poderão estar guardados? – interrogou Edward.

O silêncio voltou e sentia-se uma atmosfera de suspense até que finalmente Mia respondeu:

- Em minha casa, aqui, em Massachusetts.

Edward e Emília entreolharam-se, voltando depois a olhar para Mia.

- Como sabem, eu fiz parte da Greenpeace e como ambientalista trabalhei sempre na sede da organização porque não podia sair dali. Fui diretora durante cinco anos, até que a Greenpeace foi extinta.

- Mia, quando a extinguiram saíram notícias na televisão mas não diziam o porquê; afinal o que é que aconteceu? – perguntou Emília.

- Durante a guerra fomos muitas vezes ameaçados de morte mas continuámos, seguimos em frente, não podíamos ficar parados, tínhamos de continuar mesmo que isso significasse perder a vida. Claro que num cenário de guerra isso era quase inevitável e o medo que atirassem um míssil ou uma bomba por cima das nossas cabeças era muito forte. Por causa das ameaças muitos foram os que desistiram, mesmo assim ainda sobrámos dez, tínhamos esperança, até que aconteceu o que mais temíamos e isso foi a gota de água – começou por explicar. Era visível a sua ansiedade. As mãos temiam-lhe tanto que não as conseguia controlar.

Fez-se silêncio enquanto Mia se preparava para continuar.

- Tentaram cumprir a sua promessa e fomos alvo do um ataque com um míssil. Felizmente, por um mero acaso estávamos fora do edifício da sede, ainda me parece impossível! Demorou algum tempo até que acreditasse nos factos, mas quando isso aconteceu foi o fim da Greenpeace.

- Estás bem? – perguntou Edward ao ver o estado da sua melhor amiga.

- Se não estou, haverei de ficar – respondeu. Mas não vale a pena ficar aqui a lamentar-me, podemos ir já a minha casa que não é muito longe daqui, concordam?

- Sim – responderam Edward e Emília, mais uma vez em coro.

- Bem, vocês devem adivinhar os pensamentos um do outro, é que já não é a primeira vez! – comentou Mia. Já lhe era visível no rosto algo muito parecido com um sorriso.

E assim foi. Foram juntos no mesmo carro, para ser mais fácil, foi Mia quem conduziu; Passados dez minutos chegaram a sua casa.

Mia abriu a porta e entraram, a casa não era muito grande mas para ela era o

GREEN DREAMS - SONHOS VERDES

suficiente. Mia encaminhou-os para a sala de estar.

- Sentem-se aqui que eu vou ao meu escritório buscar umas caixas e uns dossiês que consegui trazer.

Mia não demorou muito.

- Aqui está! – disse assim que chegou.

- Ainda é muita coisa, talvez encontremos os rascunhos...- comentou Edward.

- Esperemos que sim. Bem, vamos pôr mãos à obra! – incentivou Emília. Era notável o seu entusiasmo.

E assim foi. Passaram horas e horas à procura de alguma coisa. No início não parecia mas mesmo assim era muita papelada para ler. O tempo foi passando até que...

- Não acredito! – exclamou Emília assustando os outros. – Não posso acreditar! Encontrei-os! Encontrei-os! – continuou agora, dando saltinhos de alegria.

- Encontraste-os? – perguntaram Edward e Mia em coro, como que a confirmar o que acabavam de ouvir.

- Sim! – respondeu Emília com uma voz rouca de tanto entusiasmo.

- Conseguimos! – celebraram os três dando um enorme abraço.

- Agora só temos de as recrear. Tivemos muita sorte em ter encontrado os rascunhos – exclamou Mia, agora muito mais alegre.

Os três investigadores regressaram ao MIT muito satisfeitos com a sua vitória.

A parte mais fácil já passou, agora só faltava a parte mais complicada do processo.

A partir dali Edward Fields contactou vários dos seus colegas e amigos, juntando os interessados para que começassem a trabalhar nas máquinas e até criou um novo software informático para elas. Emília foi fazendo testes às máquinas para que Edward as pudesse melhorar e Mia foi recebendo várias chamadas de profissionais das mais variadas áreas, dos mais variados países, que diziam estar interessados em formar a organização ambiental não-governamental que Mia queria tanto criar.

No final, passado um ano desde que se uniram, a equipa de investigadores juntamente com outras dez equipas de três elementos espalhadas um pouco por todo o mundo, formaram a nova organização ambiental com o nome de "Green Dreams " (Sonhos Verdes) com sede em três países: nos Estados Unidos em Massachusetts, na Austrália em Sydney e em Portugal no Porto.

Com esta nova forma de reciclagem e destruição de resíduos, cidades que eram inabitáveis tornaram-se habitáveis e cidades em risco tornaram-se muito mais sustentáveis. Como se destruíram os resíduos mais perigosos para a saúde, os cidadãos puderam novamente fazer a reciclagem dos seus resíduos por si próprios, sem serem necessários robôs.

Os programas de sensibilização criados pela "Green Dreams" permitiram tanto às crianças como aos adultos, ganhar uma consciência mais "verde" criando cidadãos mais amigos do nosso planeta.

3º
CLASSIFICADO

ENSINO SECUNDÁRIO

UMA PEQUENA LATA

JOANA ISABEL DOS SANTOS AMADO

Escola Básica e Secundária Henrique Sommer

Professor responsável:
Dina Bastos

ILUSTRAÇÕES
RUI PEDRO LOURENÇO

ZONA DE PEGADO
INSPECCION POSTAL
ABRIR AQUI

UMA PEQUENA LATA

Lucas esperava, juntamente com os seus irmãos, que alguém reparasse nele e o levasse daquele lugar. Sim, porque ser uma lata de refrigerante tem as suas desvantagens. Encontrava-se naquela mesma prateleira, imóvel, havia já seis dias. Tinha ficado na quarta fila e ainda ninguém olhara para ele. No entanto sentia que naquele dia a sua sorte iria mudar. Agora encontrava-se apenas uma lata entre ele e o público, por isso não era de estranhar o seu entusiamo quando a loja abriu às nove da manhã.

Assim que passou a primeira pessoa pela sua secção, Lucas emitiu um esguincho estridente de excitação, que imediatamente se extingiu ao ver que a pessoa não estava interessada nem nele, nem nos seus irmãos. Contudo, não muito tempo depois duas crianças que por ali passavam, pararam e ficaram a olhar para a lata à sua frente.

-Mãe, podemos levar uma cada um? – Perguntou a criança mais pequena.

-Duas? Não, filho – respondeu, para descontentamento dos rapazes. – Levo uma e partilham.

Dito isto, a mãe agarrou na lata à frente de Lucas e colocou-a no cesto das compras. Lucas já mal conseguia conter o seu entusiasmo, porém sabia que estar na primeira fila tinha responsabilidades acrescidas, e não querendo ser um mau exemplo para os seus outros irmãos, reuniu toda a sua força para não começar a saltar de alegria.

Passaram-se algumas horas, até que uma jovem rapariga reparou em Lucas. Gentilmente pegou nele, e colocou-o no seu carrinho de compras. Pouco depois, Lucas estava em cima de uma passadeira que o levava para junto de uma outra senhora. Ao observar o que faziam às outras compras, quis fugir.

Que seria aquela máquina dos bips? Seria aquele saco de plástico confortável? Também o iriam pesar? Tudo isto eram questões que circulavam no pensamento da pequena lata. No entanto quando chegou a sua vez, descobriu, para seu grande alivio, que não seria necessário subir à balança e aquela máquina com luzes vermelhas, não fazia mais do que umas meras cócegas.

Contudo, enquanto todas as outras compras foram colocadas em sacos, Lucas encontrava-se na mão da rapariga. Estava assustado, mas também deslumbrado com tudo o que via. Segundos depois, a lata estava a ser chocalhada e aberta.

- Tem calma, isso magoa – avisou Lucas.

Não o ouviu e rapidamente começou a beber o refrigerante. Lucas não gostava da sensação, sentia-se demasiado leve e exposto. Contudo, não teve tempo de refletir sobre o assunto, pois no segundo a seguir estava a ser espalmado e atirado para o fundo de um ecoponto amarelo.

UMA PEQUENA LATA

Lucas ficou no meio de todo aquele mau cheiro durante um dia, até um grande camião chegar, e o levar, juntamente com latas de alumíno e plástico, para um grande edifício.

Ao chegar, ficou à espera durante uns momentos que algo acontecesse, até que, de repente, foi transferido para uma passadeira semelhante aquela em que tinha estado no supermercado, embora esta fosse de dimensões muito superiores.

Subitamente, Lucas reparou que todas as latas de alumínio à sua frente se dirigiam para uma grande e assustadora máquina, da qual ele estava cada vez mais perto. Ainda tentou voltar para trás, mas não era possivel. À medida que se aproximava, conseguia ouvir os gritos dos outros e assim que chegou a sua vez Lucas estremeceu de medo. A máquina começou a picá-lo e a dividi-lo em pequenos pedaços, deixando-o em pânico, mas não havia nada que pudesse fazer a não ser esperar pela próxima fase.

Assim foi, a pequena lata de alumínio, agora triturada, deslocava-se para outra máquina, onde foi atingida por jatos de ar quente que lhe estavam a remover a sua bela tinta azul e vermelha. Estava agora, não só desfeito, como também nu. Não gostava da sensação e só queria que acabasse.

Passado uns momentos, a lata dirigia-se outra vez para uma grande máquina, a altas temperaturas. Lucas começou a sentir-se mais mole e notou que estava a pingar. Pouco tempo depois, apercebeu-se que estava totalmente derretido e a dirigir-se para um grande forno, onde posteriormente lhe retiraram todas as impurezas. Parecia um banho demasiado quente, pensou. Contudo, de seguida, estava a ser movido para outro local, onde começou a ser atingido por jatos de água fria e passadas algumas horas, já estava de novo no estado sólido.

Algum tempo depois, foi colocado outra vez numa passadeira, que se movia, mais uma vez, em direção a uma grande máquina. Porém, Lucas já não tinha medo. Nesta máquina, ele e todos os outros, que agora estavam bem junto dele, foram laminados e mais tarde, Lucas era de novo uma bela lata, ainda que sem pintura.

Não sabia ao certo o que se tinha passado, mas sabia que estava pronto a ser usado outra vez e mal podia esperar para voltar para o supermercado. Sim, porque ser uma lata de refrigerante também tem as suas vantagens.

Afinal, o que há melhor que poder ser reciclado?

1º

CLASSIFICADO

ADULTOS

A AVÓ APRENDE A RECICLAR

TÂNIA BAILÃO LOPES

ILUSTRAÇÕES

TÂNIA BAILÃO LOPES

A AVÓ APRENDE A RECICLAR

A Avó aprende a reciclar!
Era uma vez
uma velhinha
que adorava fazer bolos
na sua cozinha.
Era na culinária
que ela se empolgava
cozinhando para todos
fazia o que amava!

Mas quando se cozinha
muito lixo se faz
E que destino lhe dar,
um destino capaz!?
Eram montes de pacotes
latas e muito mais,
os sacos amontoavam
ali à porta dos currais.

Ai céus tanto lixo!
O que vou eu fazer?

Lembrou-se então
de chamar os netos,
eles teriam uma solução!
Na escola aprendiam
e separar o lixo,
isso, eles sabiam!

Digam lá netinhos
o que devo fazer?

Avó, escuta bem,
há sempre solução;
vamos limpar isto tudo
e o vidro vai para o vidrão.

Mas não são só frascos
que eu tenho aqui,
tenho latas e plásticos,
e os pacotes do leite
que também já bebi.

Agora digo eu,
disse o Marcelo,
isso são embalagens,
vão p´ró ecoponto amarelo!

Ai meus netinhos
e as embalagens de cartão?Vão
para o amarelo
ou vão para o vidrão?

Avozinha, avozinha,
existem três ecopontos,
um de cada cor,
vou-te ensinar tudo
com carinho e amor!

Para as embalagens é o amarelo,
para o vidro é o verde.
O azul é para o papel
e também para o cartão,
para colocares as caixas
e os sacos do pão.

Mas se estiverem sujas
com gordura ou chantilly,
ponho-as lá no azul
ou ponho-as aqui?

A AVÓ APRENDE A RECICLAR

Aqui quero dizer
no lixo comum,
onde ponho todo o resto
que não pertence a ecoponto nenhum.

Mas vou dar-te outra ideia,
minha avó querida,
diz-me onde colocas
os restos de comida?

Oh meu amor,
isso dou à criação,
às galinhas e aos porcos
que adoram essa refeição!
Isso já eu sei
há tempo demais,
não se deita restos no lixo
se podem ir para os animais!

A vizinha Berta
não tem criação,
mas ela é tão esperta
que tem uma invenção.
Diz que é compostagem
e que não custa nada,
põe lá as cascas de batata
para ter a terra adubada!

E tem lá uma horta
com vegetais tão viçosos,
Ficam mesmo lindos
e tão saborosos!

Obrigada netinhos
pela ajuda que me deram,
vamos lá separar tudo
tal e qual me disseram!
Vamos levar tudo para o ecoponto
e depois recebem um bolinho
que tenho ali pronto!

Vamos lá fazer tudo
como deve de ser,
para manter o planeta limpo
é tão fácil aprender!
Se cada pessoa o fizer
o planeta agradece,
as coisas são reutilizadas
é mais fácil do que parece!

Só precisas fazer a tua parte,
a Valorlis faz o resto com louvor
porque o planeta é a nossa casa
e deve ser cuidado com amor!

2º

CLASSIFICADO

ADULTOS

ANTÓNIO, O ECOSOLDADO

HÉLDER LUCIANO ABREU

ILUSTRAÇÕES

TÂNIA BAILÃO LOPES

ANTÓNIO, O ECOSOLDADO

António tinha completado 8 anos há poucas semanas. Desde essa data que tinha um amigo muito especial: um cavalo de madeira que o avô lhe tinha oferecido no seu aniversário.

Todos os dias, antes de dormir, falava para o seu amigo mas não obtinha qualquer resposta.

Mas porquê? Será que as suas perguntas não tinham respostas?

Algumas das perguntas passavam por questões mais superficiais, outras mais complexas. Então, mas o que acontece quando acabarem as reservas de metais que tinha falado na disciplina de Estudo do Meio? E o que acontece se forem cortadas todas as árvores bonitas para plantar árvores para produzir papel? Se não forem separados os resíduos, quantos aterros de lixo caberão na sua cidade? E tantas outras...

António prometia todos os dias ao seu amigo que um dia iria salvar o mundo, pois não se esquecia, nunca, do pesadelo que tivera numa certa noite em que se deitou cedo e acordou gelado e em pânico. A sua cidade não tinha árvores, porque todas tinham sido cortadas, o local do belo parque de árvores majestosas, onde tanto gostava de passear com o seu avô, era um aterro sanitário onde estava a ser enterrado o lixo que os habitantes de Vila Nova teimavam em não separar. Tudo era cinzento naquela cidade, naquela região, naquele país.

Na manhã seguinte a este pesadelo, António perguntou à sua mãe:

- Mãe, todos os dias, no caminho para a escola, vejo um cartaz que diz que devemos reciclar. Mas o que acontece se as pessoas não separarem os resíduos para reciclar?

- António - disse a mãe que sabia que essa pergunta iria surgir um dia - tu és um ecosoldado e bem sabes a resposta. Mas, infelizmente, nem toda a gente se lembra que mesmo que o nosso planeta tenha muitos recursos, se não os soubermos utilizar, um dia esgotam-se e se nada fizermos para mudar, um dia o nosso planeta vai ficar cheio de lixo e sem mais desses recursos. Temos de reciclar, ou seja, dar utilidade ao que já não é necessário. Se simplesmente colocarmos no lixo o que já não é necessário, um dia o planeta vai ficar cheio de lixo.

- Eu compreendo mãe. É assim tão difícil que todos os adultos compreendam? – respondeu António apreensivo.

- António, as pessoas pensam que esse problema, a ocorrer, será noutra cidade ou noutro país e nunca serão afetadas. Mas estão enganadas – explicou a mãe.

- Mãe, vou mudar o mundo. Prometo que não vou deixar que o planeta fique cheio de lixo e que aconteça o que vi no meu pesadelo – disse António determinado.

Durante esse dia António pensou em várias estratégias para a sua missão. Organizar uma festa e fazer um discurso? Não, não tinhas possibilidades de o fazer. Colocar uma mensagem num avião? Também não podia ser, depois como podia esclarecer as dúvidas das pessoas que não sabem como contribuir para a reciclagem? Estava decidido, ia fazer mensagens e distribuir em mão pelas pessoas com as quais se cruzasse no caminho para a escola.

No final desse dia, ao regressar da escola, recolheu os folhetos de publicidade que ia encontrando no chão. Na entrada do seu prédio recolheu vários folhetos que os seus vizinhos tinham colocado no cesto do lixo. Estes folhetos seriam muito úteis para criar as suas mensagens.

Ao chegar a casa disse à mãe:

- Mãe, mãe! Já sei como vou salvar o mundo. Já sei como evitar que a nossa vila se transforme num aterro sanitário e como evitar que cortem as lindas árvores do parque para colocar outras árvores para produzir papel.

- Olá filho. Como correu a escola hoje? Já estás mais tranquilo depois do teu pesadelo da noite passada? - perguntou a mãe ao vê-lo entrar pela porta.

- O dia correu muito bem, especialmente porque já encontrei a solução para este enorme problema - respondeu o António.

- Verdade? E o que vais fazer António? - perguntou a mãe apreensiva.

- Mãe, se eu com 8 anos compreendo este problema e sei como ajudar, basta

ANTÓNIO, O ECOSOLDADO

que eu ensine as pessoas que ainda não sabem. Vou fazer mensagens e distribuir pelas pessoas de Vila Nova – explicou o António.

- E como vais fazer essas mensagens? Vais precisar de ajuda? – perguntou a mãe.

- Se o Pedro me vier chamar para brincar, diz-lhe que estou ocupado. Agora vou para o sótão trabalhar – disse António ao sair apressado da cozinha.

- Combinado. Chamo-te depois para jantar – respondeu a mãe.

António fechou-se no sótão. Com uma tesoura, um tubo de cola e uma caneta fez muitas mensagens com as cores dos ecopontos: o amarelo, o azul e o verde.

As mensagens iam consistir num folheto com duas faces. Tinha que recortar, dos folhetos de publicidade que recolheu, imagens dos resíduos que podiam ser reciclados e os locais onde deviam ser colocados. Numa das faces colou as imagens e na outra face escreveu a frase:

"Por favor, dê uma nova oportunidade aos resíduos que produz. Não deixe que a nossa terra se transforme numa lixeira".

Continuou o seu trabalho depois de jantar e já passava da meia-noite quando se deitou. António estava exausto mas sabia que o esforço ia ser recompensado. Assim o prometeu ao seu amigo de madeira. Estava quase a começar a grande operação para salvar o mundo.

Na manhã seguinte, António acordou ainda antes do despertador. Apesar de ter dormido poucas horas, estava ansioso por começar a entregar as mensagens. Levantou-se, vestiu-se a correr, despediu-se do seu amigo e tomou o pequeno-almoço. Às costas levava a sua mochila com os livros da escola e ao ombro o seu saco do futebol que hoje ia carregado de folhetos com as suas mensagens feitas na véspera.

Antes de sair disse à mãe:

- Mãe, deseja-me sorte! Vou hoje iniciar a minha missão de salvar Vila Nova e o mundo.

- António, desejo-te a maior sorte para esta tua missão - despediu-se a mãe, dando-lhe um beijo na testa.

E lá foi o António a pé para a sua escola. Pelo caminho contava entregar as mais de 50 mensagens que tinha conseguido fazer na noite anterior.

Entregou a primeira mensagem a uma senhora que levava um saco de lixo nas mãos. A senhora agradeceu e, de imediato, perguntou ao António:

- Porque andas a distribuir estas mensagens?

- Porque não quero que o parque da nossa cidade se transforme numa floresta de árvores feias para produção de papel e deixe de ter a beleza que tem hoje - disse António.

A senhora hesitou, mas voltou a fazer uma nova pergunta:

- O que posso fazer para evitar?

António estava muito bem preparado para responder a essa pergunta:

- A Senhora deverá separar todo o papel e cartão que já não precisa e deverá colocá-lo no ecoponto azul. Não deverá juntar o papel e cartão com o lixo.

- Mas basta fazer isso? - respondeu a senhora intrigada.

- Sim, se todos fizermos isso, contribuímos para evitar a plantação de árvores de crescimento rápido só para produzir papel. Essas árvores não fazem florestas bonitas e consomem muita água. O papel utilizado não pode ser tratado como lixo, é demasiado valioso. Faça a separação do papel e cartão e dos outros resíduos indicados neste folheto e estará a salvar o mundo - disse António continuando depois seu percurso.

Continuou a distribuir folhetos. Um senhor, talvez da idade do seu pai, que circulava de bicicleta, parou para lhe perguntar:

- Ei rapaz, não tens nada mais importante para fazer?

- Senhor, encontro-me em missão para salvar Vila Nova e o mundo. É impor-

ANTÓNIO, O ECOSOLDADO

tante seguir os conselhos indicados nesta mensagem - disse António.

- E que missão é essa? – perguntou o homem.

- O senhor sabe que para se fazerem bicicletas como a sua é necessário metal? Esse metal pode ser extraído de minas ou pode ser feito com metais reciclados, por exemplo de latas de bebidas? – explicou o António.

- Sim, sabia. - disse o Senhor.

- É por isso muito importante que separemos as embalagens metálicas e as coloquemos no ecoponto amarelo para que sejam recicladas e se evite a extração de mais metais. Os materiais utilizados não podem ser tratados como lixo, não há motivo para explorar novas matérias-primas, podendo reciclar outras; as embalagens são feitas de minérios que acabam. Por outro lado, se não forem reciclados, os metais utilizados vão ocupar espaço em lixeiras e serão necessários milhares de anos para desaparecerem - disse António, com as mesmas palavras que tinha ouvido nas jornadas ecológicas que tinham ocorrido em fevereiro na sua escola.

Determinado, o senhor respondeu:

- Tens razão, nunca tinha pensado nisso. E que mais posso colocar no ecoponto amarelo?

- Pode colocar todos os resíduos indicados nesta mensagem, como plásticos, latas, esferovite, etc.. – explicou o António. Ao fazer esta separação evitamos que Vila Nova se transforme numa enorme lixeira ou aterro sanitário. Os seus filhos, netos e bisnetos vão agradecer.

- E se nos enganarmos a colocar noutro ecoponto ou se colocar no ecoponto alguma coisa que não pode ser reciclada? - questionou o senhor.

- Não há problema! A separação final será feita no centro de recolha de resíduos, não deixe de fazer por ter dúvidas - disse António, esta frase que tantas vezes o seu avô lhe dizia.

- Vou passar a fazer a separação. Ao fazer a separação vou encher menos vezes o saco do lixo, o que é também uma vantagem, - disse o senhor despedindo-se - obrigado pela tua missão.

- De nada - disse o António - passe a mensagem por favor.

António estava a meio do caminho da escola e tinha ainda mais de metade dos folhetos para distribuir.

- Ainda bem que muitas pessoas não têm dúvidas, pois tenho de chegar a tempo às aulas - pensou António.

Um jovem que teria a idade do seu primo crescido Ricardo, descarregava garrafas de bebidas e quando António lhe entregou um folheto, retirou os auscultadores dos ouvidos e perguntou-lhe:

- O que fazes com estes folhetos?

- Cumpro a minha missão de salvar Vila Nova e o mundo - disse António.

- E como o fazes? - perguntou o jovem, em tom de brincadeira.

António não vacilou e deu uma resposta adequada ao que o jovem estava a perguntar:

- Sabes que os vidros de garrafas, frascos e boiões não devem ser colocados no lixo, mas sim no ecoponto verde?

- Porque é que me hei-de preocupar com isso? - respondeu o jovem com uma pergunta.

António não ficou surpreendido com a reação do jovem. Sabia que muitas pessoas pensavam dessa forma. Era tempo de esclarecer, de ajudar e por isso respondeu-lhe:

- Os vidros usados servem para produzir novos vidros. Para produzir novos vidros não é necessário começar tudo de novo; ao reciclar vidro, poupa-se muita energia e contribuímos para a melhoria do planeta. Não devemos desperdiçar energia, temos de pensar nas gerações futuras.

ANTÓNIO, O ECOSOLDADO

- Como sabes isso? - disse o jovem surpreendido com a resposta do António.

António sabia a resposta a esta e muitas outras perguntas. Era, desde o primeiro ano, ecosoldado da sua escola. Sabia bem que uma garrafa, um boião ou um frasco de vidro não podiam ser tratados como uma casca de uma banana ou uma batata podre. Os vidros utilizados tinham muito valor e deveriam ser colocados no ecoponto verde. Contudo, apenas respondeu:

- Aprendi na minha escola. Peço que, a pensar em todos nós e nas gerações futuras, separes os resíduos como está indicado neste folheto. Já agora, as pilhas do teu leitor de música e baterias de telemóveis deverão ser separadas e colocadas na caixa vermelha que se encontra junto dos ecopontos. Adeus – despediu-se António.

António tinha 5 minutos para chegar à escola e já só lhe faltavam entregar menos de dez folhetos.

Passou junto de um restaurante e viu o cozinheiro a colocar lixo no contentor. Não podia perder esta oportunidade, tinha de lhe entregar um dos últimos folhetos.

Abordou o cozinheiro e este diz-lhe:

- Eu já sei tudo sobre separação de resíduos e reciclagem.

- Obrigado, ainda bem. Certamente vai ajudar-me na minha missão, mas o que faz com os óleos usados na cozinha? - verificou António, se de facto o cozinheiro saberia responder-lhe corretamente.

- Não os coloco nos esgotos, sei muito bem que seria muito mau para o ambiente. Coloco-os, sim, no lixo – respondeu o cozinheiro.

António corrigiu:

- É verdade que os óleos nunca devem ser despejados nos esgotos, mas também não devem ser colocados no lixo. Os óleos usados podem ser reciclados para fazer combustíveis. Evitamos a contaminação do ambiente com óleos usados e reduz-se o consumo de petróleo, que como sabemos irá acabar nos próximos anos.

- E eu que pensava que sabia quase tudo sobre reciclagem. Vou passar a separar os óleos usados, obrigado – agradeceu o cozinheiro.

- Grato fico eu, por me ajudar na minha missão - disse António ao despedir-se.

António estava satisfeito, pois tinha entregue todos os folhetos e chegava a tempo às aulas.

A sua professora viu-o um pouco cansado e perguntou-lhe:

- António, estás cansado? Dormiste bem esta noite?

- Senhora professora, esta noite sim, dormi muito melhor. Deitei-me muito tarde, pois estive envolvido numa ecomissão que completei esta manhã – disse António à professora.

- És um grande ecosoldado, acredito que cumpriste bem a tua missão – respondeu-lhe a professora com um sorriso.

Após o dia de aulas, António chegou a casa extasiado. A mãe recebeu-o com um abraço e perguntou-lhe:

- Filho, como correu a tua missão?

- Correu muito bem. Acredito que a partir de agora tudo vai ser diferente – disse António com ar satisfeito.

- Filho, a tua missão vai dar frutos, estou muito orgulhosa. – respondeu-lhe a mãe com um abraço.

Depois de jantar, António despediu-se do seu amigo e deitou-se com o espírito de missão cumprida. Se uma criança de 8 anos sabe tão bem a importância de reciclar, nenhum dos adultos que leu a sua mensagem ficará com dúvidas e vão certamente passar a separar todos os resíduos a partir daquela data.

Dormiu tranquilo naquela e noutras noites, pois nunca mais outro pesadelo o assombrou.

3º
CLASSIFICADO

ADULTOS

A MARIA QUE ERA SELECTIVA E O ANTÓNIO QUE ERA POLÍMERO, NA VILA DE ESTAÇÃO QUE ERA DAS TRANSFERÊNCIAS

FERNANDA MARIA REIS DE SOUSA

ILUSTRAÇÕES
TÂNIA BAILÃO LOPES

A MARIA QUE ERA SELECTIVA E O ANTÓNIO QUE ERA POLÍMERO, NA VILA DE ESTAÇÃO QUE ERA DAS TRANSFERÊNCIAS

Outrora, a vila de Estação, melhor dizendo, Estação das Transferências, era um sítio esquisitíssimo, atulhado de restos, resquícios de tudo o que nem lembra a ninguém.

Atualmente, estava bem mais organizada! Espaços verdes, serviços de saúde, correios, escolas bem equipadas, parques infantis e, sobretudo, resíduos separados. Aliás, foi esta ordem, verdadeiramente ordenada, que convenceu Maria e António a instalarem-se, de vez, neste local. Conheceram-se há 23 anos, num encontro mundial onde se discutiram políticas, coisas que se poderiam fazer para crescer em desenvolvimento, sem "avariar" o ambiente.

A Conferência da Terra, assim se chamou este encontro, reuniu muitas pessoas entendidas nestas áreas mas reuniu, sobretudo, paixões: a de todos os que lá estavam pela defesa do ambiente, a dos jovens Maria Seletiva e António Polímero pela natureza e, especialmente, a paixão dos dois, um pelo outro.

Aquele havia de ser o primeiro dia do resto das suas vidas. Naquela reunião, foi defendida uma "lei" muito especial e fácil, muito fácil de entender, sem palavras caras ou duplos sentidos. A lei dos 3 R's: Reutilizar, Reduzir e Reciclar. Três, a conta que Deus fez. Nem mais, nem menos. Para Seletiva e Polímero, a letra R pareceu-lhes, de repente, resplandecente, recheada de raciocínio racional, uma resolução que resolveria... faltava-lhes o folego e as palavras, especialmente, as começadas por r. Mas uma certeza tinham: era uma Lei de recomendar!

Ali, naquela hora, para além de assumirem, ainda sem saberem, um compromisso um com o outro, assumiram também uma vida REN. A vida REN, de Respeito Elevado pela Natureza, era quase como uma religião. Exigia meditação, respeito pelos outros, olhar atento e observador, sempre tendo por base a prática do 3 R's. Esta maneira de estar na vida, havia de levá-los à vila, agora simpática, de Estação das Transferências.

Mas isso seria mais tarde. Até lá, aproveitariam para descobrir, juntos, outros mundos, outras realidades e para perceber, de forma mais clara, como se aplica a dita Lei.

Durante esse período, conheceram cidades fascinantes, construídas com materiais reciclados. Autoestradas com pisos fantásticos feitos a partir de pneus, onde circulavam veículos ecológicos, parques infantis também com os mesmos pisos fofinhos, coloridos e de todas as formas e feitios, montras de lojas com modelos de calças de ganga, artigos de moda, fabricados com plástico reciclado... E os espaços verdes eram incríveis! As mangueiras, as vassouras, os tubos da rega, tudo tinha nascido de novo, a partir da reciclagem.

Em cada praça havia um recipiente, a lembrar um vulcão, a que davam o nome de compostor. A população, ao fim do dia, tirava senhas, em papel reciclado, refira-se, para colocar os seus restos vegetais de comida nesses depósitos, tal era a corrida! Ao fim de semana, novamente, o mesmo cenário, em resultado da limpeza dos jardins. O compostor, explicou a Dona Olívia, presidente da associação de moradores do bairro: " – É uma espécie de panela que ferve muito devagarinho. Lá dentro os insetos e microrganismos tratam de decompor a matéria que lá está depositada e ao fim de algum tempo, temos o adubo que utilizamos nos nossos jardins!"

Maria Seletiva ficou eufórica com o sistema de fornecimento de água a uma das aldeias! Todos os telhados de todas as casas estavam ligados por uma rede de caleiras que reaproveitava a água das chuvas para a rega dos jardins e das hortas, para a lavagem da roupa, dos pátios e passeios.

No Inverno, o aquecimento provinha da biomassa. Havia uma caldeira comunitária e, mais uma vez, uma tubagem que distribuía o calor por todas as habitações e que era alimentada a bocadinhos de madeira muito apertadinhos, a fazer lembrar a ração dos coelhos e que, apesar de pequenos, eram muito poderosos, como fonte de calor, os pellets. António Polímero achou cativante esta ideia!

Uma estação de serviço de painéis solares permitia, também, o aquecimento das águas para os banhos e cada um tinha em casa uma central de produção de eletricidade, através de outro tipo de painéis solares, os fotovoltaicos, que transformavam a luz do sol em energia.

Foram dias cheios! Cheios de descobertas, cheios de aventuras, cheios de ideias! Dias repletos de razões para aplicar a Lei dos 3 R's. Mas chegara a hora de assentar. Trocar as experiências vividas pela experiência das suas próprias vidas!

A MARIA QUE ERA SELECTIVA E O ANTÓNIO QUE ERA POLÍMERO, NA VILA DE ESTAÇÃO QUE ERA DAS TRANSFERÊNCIAS

A oportunidade surgiu quando António Polímero recebeu uma proposta de emprego numa fábrica de pellets. Há coisas que só anos mais tarde se explicam! Parecia que tudo encaixava na perfeição! Estação das Transferências era, contudo, na altura, uma vila transformada em depósito de resíduos. Pouco mais existia, e do que havia, pouco ou nada era agradável, nem o cheiro! Maria Seletiva quase desanimou. Mas sempre o acompanhou.

A vila foi crescendo e Maria arranjou, também, emprego nos Serviços Municipais de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Estação, o que não deixava de ser curioso, dado o gosto que não escondia por estas matérias.

Os anos foram passando e a vizinhança foi-se habituando, com alguma demora, ao casal esquisito da "Casa Artilhada", como lhe chamavam, tal era a quantidade de artefactos pendurados na habitação, em cima do telhado, no jardim,... "- Já não bastava a estação, agora temos uma lixeira a céu aberto!" – comentavam alguns. Outros diziam: " – Mas olha que é gente boa. Eles lá têm as ideias deles e algumas, parece-me, talvez farão sentido..."

Desconfianças à parte, a verdade é que, aos poucos, foram conquistando os corações dos Estaçonenses. Convenceram-nos da necessidade de criarem, igualmente, uma associação de moradores e com isso foi um passo para a instalação de sistemas comuns de utilização de águas, transportes escolares elétricos, compostores. Até sessões de meditação REN promoveram no salão da paróquia que já tinha por cima da porta, entre a torre da igreja e um poste de lâmpadas led, uma faixa que dizia:

"Reduzir, Reciclar e Reutilizar é o lema que devemos adotar".

O que o casal Maria Seletiva e António Polímero tinham visto noutras paragens começava a ser uma realidade na povoação que escolheram para viver. Os lixos domésticos, os que fazemos na nossa casa, eram, agora, preparados e enviados para o aterro sanitário onde eram, depois, tapados com terra para que nada ficasse nem à vista dos olhos, nem ao alcance do nariz!

Pouco tempo depois, foi construída uma outra Estação, a que deram o nome de Estação de Triagem, uma outra instalação onde vinha parar tudo o que as pessoas colocavam nos ecopontos das três cores e onde era feita a escolha do que não era para reciclar, numa versão moderna do: "Separar o trigo do joio"! Papel e cartão, que vinham do azul, iam para um lado, embalagens e sacos de plástico, que vinham do amarelo, iam para outro, o vidro, proveniente do ecoponto verde, para outro e os outsider da sociedade da reciclagem, ainda para outro. Tudo já separadinho e enfardado seguia, depois, para as indústrias Do Velho se faz Novo, nas redondezas da vila.

"Pessoal mudei a rua!", era o programa de televisão que estava, na altura, na berra! Maria Seletiva e António Polímero, num momento de zapping, sentiram-se obrigados a estacionar a atenção no ecrã de televisão. Mudar a "cara" das ruas e dos espaços públicos das vilas, tornando-os mais ecológicos, era o objetivo da equipa deste programa. Pareceu-lhes o máximo! E por que não candidatar Estação das Transferências? Se assim pensaram, mais depressa o fizeram. É que faltava tão pouco para que a vila se tornasse verdadeiramente ecológica!

A notícia da seleção da vila chegou uns meses depois e, com ela, a confusão. Conhecedores profundos do programa, tal o sucesso, os moradores de Estação entraram em parafuso só de pensar que seriam impedidos de circular nas ruas e de passear nos jardins, para que a modificação se desse. Tratando-se de um projeto desta dimensão, os editores do programa não tardaram a esclarecer que as obras, ao contrário do habitual, decorreriam por fases e que a colaboração dos habitantes seria essencial para o sucesso da iniciativa. Decoradores, engenheiros paisagistas, engenheiros do ambiente, designers de exterior, jardineiros, pedreiros, pintores, agricultores, uma equipa infindável foi reunida para dar corpo a tão arrojado projeto que mereceu apresentação pública, no Salão Nobre dos Paços do Concelho.

E assim foi anunciado: havia que revestir as casas com um material isolante, uma espécie de casaco a que chamavam Capotto, fazendo com que os gastos em energia passassem a ser mais controlados e reduzidos, sendo que o toque especial da equipa do "Pessoal, mudei a rua" seria depois dado aquando da decoração, à cor que se desejasse, tendo em conta a paleta de tons variada apresentada pela empresa e o gosto apurado dos decoradores; criar ilhas ecológicas nas principais ruas da vila, instalando ecopontos e colocando contentores de recolha de roupas, calçado e brinquedos que já ninguém quer, podendo ser aproveitados e reutilizados; limpar as ruas de todos os monos, que é como quem diz, sofás velhos, colchões, eletrodomésticos, mesas e afins que ainda continuavam a encher as ruas por falta de uma solução de recolha que, até então, não tinha sido encontrada e concentrá-los em Ecocentros. E, por último, criar pequenas hortas comunitárias com produtos biológicos, plantando alfazema, alecrim, coentros, manjericão, como forma de controlo das pragas, em substituição dos pesticidas.

A MARIA QUE ERA SELECTIVA E O ANTÓNIO QUE ERA POLÍMERO, NA VILA DE ESTAÇÃO QUE ERA DAS TRANSFERÊNCIAS

Depois da apreensão inicial, os Estançonenses perceberam que esta seria uma oportunidade a não perder e decidiram colaborar. A empreitada começou! Primeiro, a limpeza das ruas, depois a "limpeza" das casas, a seguir a construção das ilhas e finalmente os jardins e as hortas.

Por causa de tanta inovação vieram todos os outros canais de televisão fazer reportagens e a Estação de Transferências mereceu honras de abertura nos Telejornais! Maria Seletiva e António Polímero eram convidados a acompanharem os jornalistas, explicando devidamente tudo o que tinha sido feito a pensar na preservação do meio ambiente, isto porque a vila tinha recebido, inclusive, o prémio de Eco Vila e o Presidente da Câmara, orgulhoso Estançonense, fazia discursos no meio da praça para quem quisesse ouvir e até mesmo para quem não quisesse, tal era o entusiamo!

Os meses, na vila de Estação das Transferências iam passando agora mais calmos e cada vez mais REN's. Maria Seletiva e António Polímero sentiam-se cheios, tão cheios como naqueles dias em que, juntos, descobriram outros mundos!

FIM

Edição:

VALORLIS
Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos, S.A.

ISBN: 978-989-95469-2-9

Depósito Legal: 469777/20

Tiragem: 400 exemplares

Maio 2020

Impresso em papel reciclado

Valorlis
Valorizamos o ambiente

EU CONTO COM A RECICLAGEM

Valorlis
Valorizamos o ambiente

O presente projecto, co-financiado pela União Europeia, contribui para a Gestão Sustentável dos Resíduos na Região.
PROJECTO CO-FINANCIADO PELA COMUNIDADE EUROPEIA
FUNDO DE COESÃO

sociedade ponto verde